

**ADEMIR PASCALE**  
**ORGANIZADOR**

**TEGENDO**  
**POEMAS**

**VOL. II**



**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-00-54127-4**

**2022**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

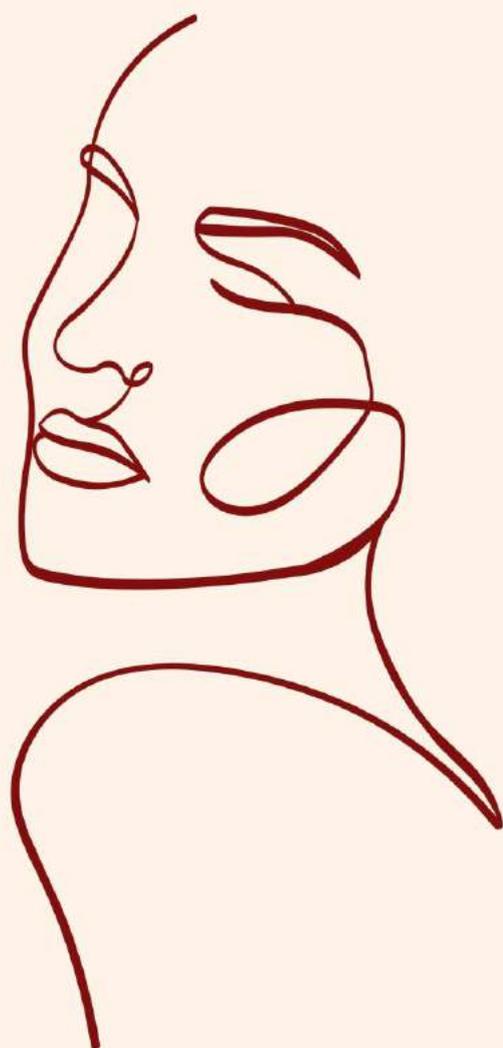
# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO POEMA

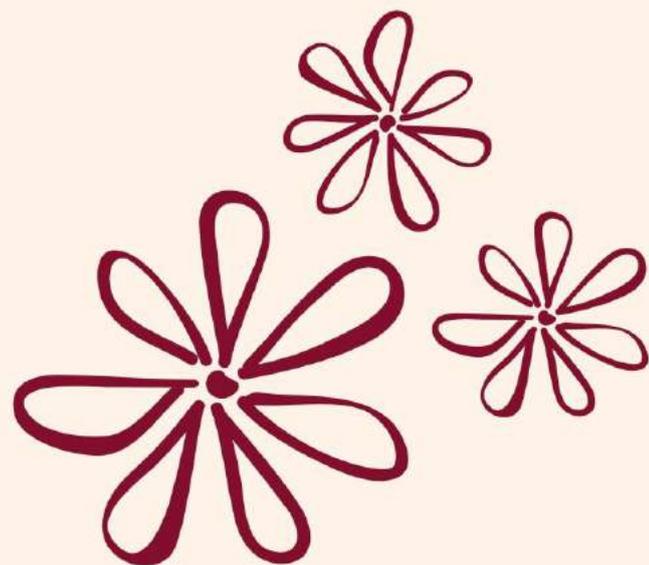
- OS HUMANOS, POR ALMA F.A.L., PÁG. 05  
A LINHA DA VIDA, POR ALMA F.A.L., PÁG. 08  
EDUCAÇÃO, POR CARLOS PINHEIRO CHAGAS DE LIMA, PÁG. 11  
OMBRO, POR CARLOS PINHEIRO CHAGAS DE LIMA, PÁG. 13  
FERNANDO PESSOA, POR CARLOS PINHEIRO CHAGAS DE LIMA, PÁG. 15  
LEMBRANÇA DA ROÇA, POR DI.FRANÇA, PÁG. 17  
TUDO, POR EDDIE BIANCHI, PÁG. 19  
MEMÓRIAS, POR EDINEY LINHARES DA SILVA, PÁG. 22  
SOMOS TODOS MACACOS, POR EDUARDO STUMPF LINCK, PÁG. 24  
VESTIDA DE CETIM, POR EDUARDO STUMPF LINCK, PÁG. 26  
CHUVOSOS DIAS, POR EDUARDO STUMPF LINCK, PÁG. 28  
MAR DE LÁGRIMAS, POR FERNANDO CARVALHO, PÁG. 30  
VERSOS TECIDOS COM FIOS DE EMOÇÃO, POR HANNAH CARPESO, PÁG. 32  
LÍQUIDA, POR HENNEK BEZERRA, PÁG. 34  
LEMBRE DE MIM, POR JOELMA DUARTE, PÁG. 36  
PROCURO-ME NOS FRAGMENTOS, POR LANA MILER, PÁG. 38  
O ZUMBIS DA CIGARRA, POR LANA MILER, PÁG. 40  
OS AMORES PERDIDOS, POR LANA MILER, PÁG. 42  
SEM PRESSA, POR L A, PÁG. 44  
LUTAR, FLORIR, VIVER!, POR MARIA NETA DE SOUSA DIAS VIEIRA, PÁG. 46  
NO MÍNIMO O MÍNIMO, POR MEIRE MARION, PÁG. 48  
CORRESPONDÊNCIA, POR PATRÍCIA RODRIGUES PIRES, PÁG. 50  
FICÇÕES, POR PATRÍCIA RODRIGUES PIRES, PÁG. 52  
QUANDO NÃO HÁ O QUE DIZER, POR PATRÍCIA RODRIGUES PIRES, PÁG. 54  
PATHWORK, NÃO!, POR ROSAMARES DA MAIA, PÁG. 57  
DIFÍCIL, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 60  
MOMENTOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 62  
ACIDENTES, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 64  
AMAR É SOFRER, POR SUELEN FARIAS, PÁG. 66  
O QUE É CRESCER?, POR VALÉRIA GUIMARÃES SPOLAOR, PÁG. 68  
SANTA MARIA, POR VALÉRIA GUIMARÃES SPOLAOR, PÁG. 70  
LOUSA, POR VALÉRIA GUIMARÃES SPOLAOR, PÁG. 73  
MEMÓRIAS, POR WANDA ROP, PÁG. 75  
LEMBRANÇAS, POR WANDA ROP, PÁG. 77

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
[WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
[WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)





**TECENDO**  
**POEMAS**  
VOL. II

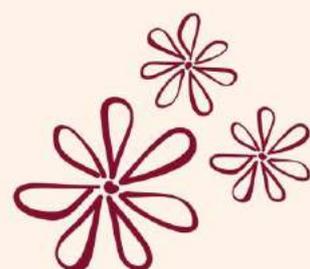
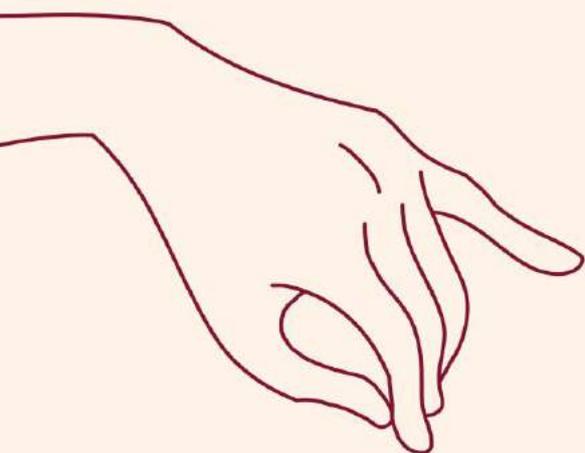


— Apresentamos o Poema —

# Os humanos

Por ALMA F.A.L.

Sobre a autora: Alma, trabalha na área da saúde, gosta de música, história e poesia.



Os humanos  
E suas coisas  
Seus enfeites  
E suas roupas  
A vaidade  
E que não é pouca

Os humanos  
E seus bichos  
Seus companheiros  
Seus belos filhos  
Muita carência  
Pouco juízo

Os humanos  
E seus vícios  
A fumaça escondendo  
A porta do hospício  
Bebendo e sorrindo  
Pulou no abismo

Os humanos  
E seu lixo  
Os seus objetos  
Sem objetivos  
A sujeira morando  
Em seu domicílio

Os humanos  
E seus sentimentos  
O fundo do poço  
Dos seus pensamentos

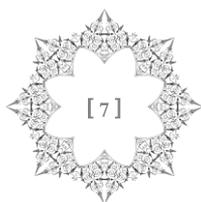
É raso e seco  
De constrangimento

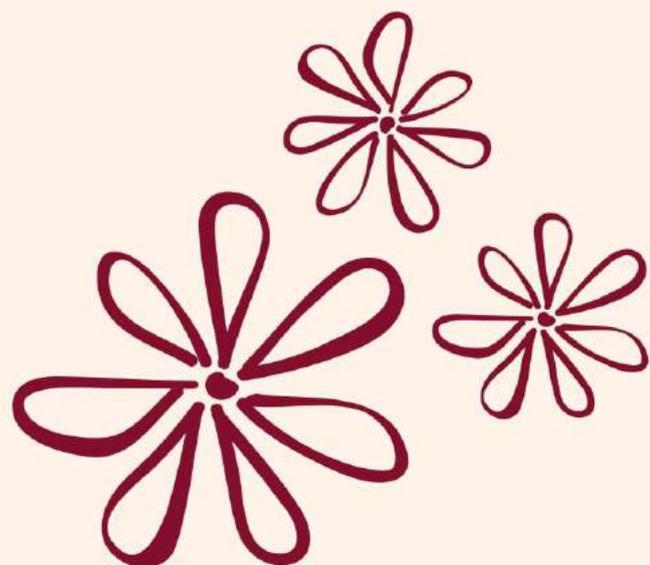
Os humanos  
E suas guerras  
Por ouro, por outros  
Por Deuses, por terras  
Que guardam os corpos  
Com flores e velas

Os humanos  
E seu vazio  
As horas passando  
Alguém que partiu  
A alma esquecida  
Jamais existiu

Os humanos  
E sua importância  
Seus compromissos  
E sua arrogância  
Disfarce elegante  
Da ignorância

Os humanos  
E sua existência  
No último dia  
Têm a consciência  
De que não fará falta  
A sua ausência

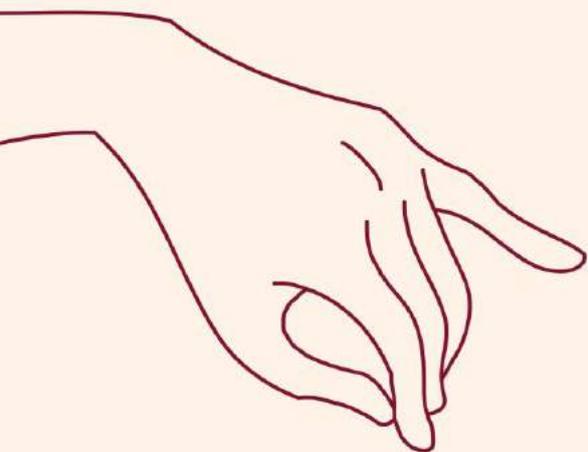




— Apresentamos o Poema —  
**A linha da vida**

Por ALMA F.A.L.

Sobre a autora: Alma, trabalha na área da saúde, gosta de música, história e poesia.



Me diz o que é a vida  
Senão um novelo de lã  
No fim um ponta escondida  
No início o fio do amanhã

Seguras, sem jeito, a agulha  
Mas ainda és uma criança  
Guiando tua mão sem rumo  
Te ensinam a fazer uma trança

E um fio agora são três  
É longa essa arte inocente  
Desmancha tudo e faz de novo  
Como a vida jamais consente

E com o tempo vai aprendendo  
Ancorar os pontos que criou  
E pouco a pouco percebes  
Que da trança fizeste uma flor

E quando os pontos se cruzam  
Vai aparecendo a beleza  
Cada desenho bordado  
É obra da tua destreza

De flor em flor foi crescendo  
Teu trabalho preferido  
Podia ser toalha de mesa,  
Almofada ou até um vestido

Virou uma colcha de cama  
Estaria sempre ao teu lado

Dormirias toda as noites  
Na companhia do teu trançado

Mas não demora, teu erro aparece  
Olhando teu trabalho de perto  
Tinha nó cego e ponto torto  
Nem tudo que fizeste deu certo

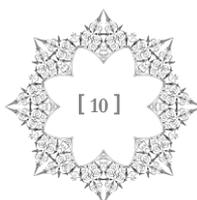
"E agora o que faço?  
Se desmancho o ponto imperfeito  
Desmancho também a flor  
E então tudo será desfeito"

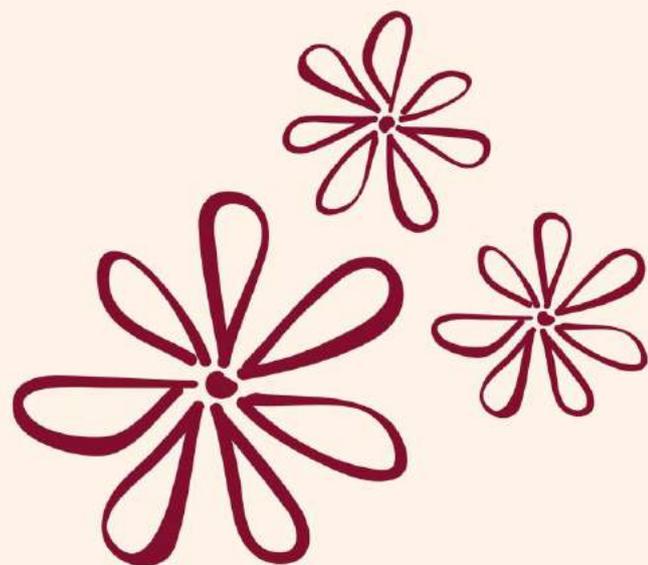
Ficou surpresa e emocionada  
Com o que tinha percebido  
"Virgem Maria do céu!!!  
Essa colcha parece comigo!!!"

"As flores, minhas virtudes  
Os nós, os meus pecados  
Ambos feitos por mim  
No presente e no passado"

Forrou a colcha no chão  
Deitou feliz sobre ela  
Dormiu um sono tranquilo  
Sonhou uma história tão bela

Era Deus que chegava sorrindo  
E dizia com uma voz bonita  
"Os teus nós e as tuas flores  
É o que chamamos de vida"



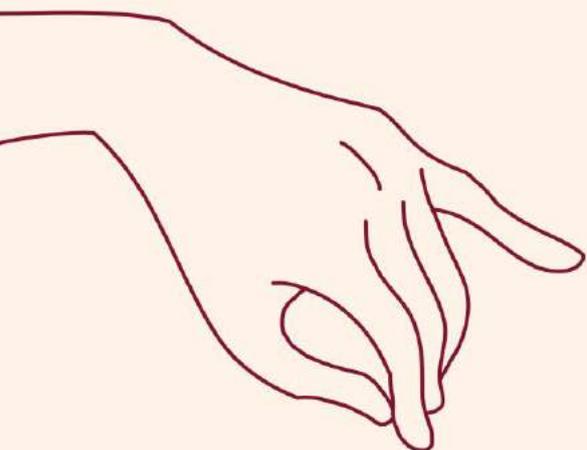


— Apresentamos o Poema —

# Educação

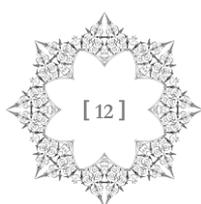
Por Carlos Pinheiro Chagas de Lima

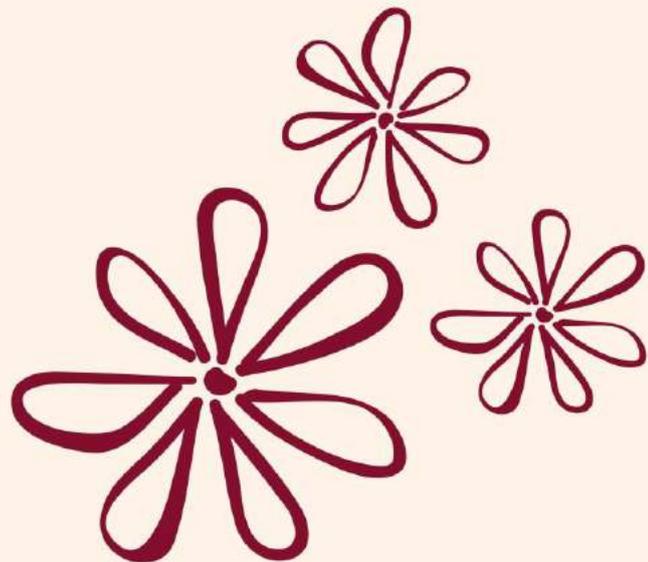
**Sobre o autor:** Nascido em Russas (Ceará) a 21 de setembro de 1986. Cursou Ensino Fundamental e Médio na cidade, se graduou em Licenciatura Plena em Química na cidade de Limoeiro do Norte (Ceará) (UECE - FAFIDAM) e concluiu mestrado e doutorado na cidade de Fortaleza (Ceará) (UFC). É professor da SECUC-CE e poeta amador.



Ao não investir em educação  
Qualquer nação pode estar se arriscando  
A em um momento de precisão  
Não ter em mãos o que tá precisando.

Talvez agora mesmo no lixo  
Onde muitos estão se alimentando  
Estejam desenhando com carvão  
O que as intuições andam buscando.



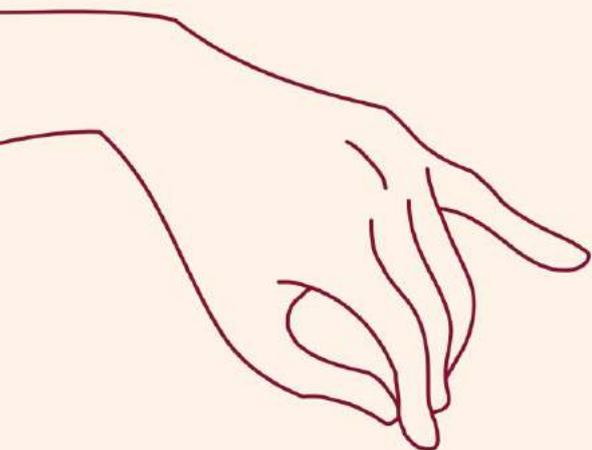


— Apresentamos o Poema —

# Ombro

Por Carlos Pinheiro Chagas de Lima

**Sobre o autor:** Nascido em Russas (Ceará) a 21 de setembro de 1986. Cursou Ensino Fundamental e Médio na cidade, se graduou em Licenciatura Plena em Química na cidade de Limoeiro do Norte (Ceará) (UECE - FAFIDAM) e concluiu mestrado e doutorado na cidade de Fortaleza (Ceará) (UFC). É professor da SECUC-CE e poeta amador.

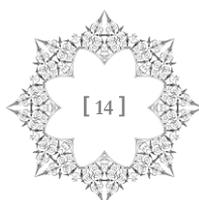


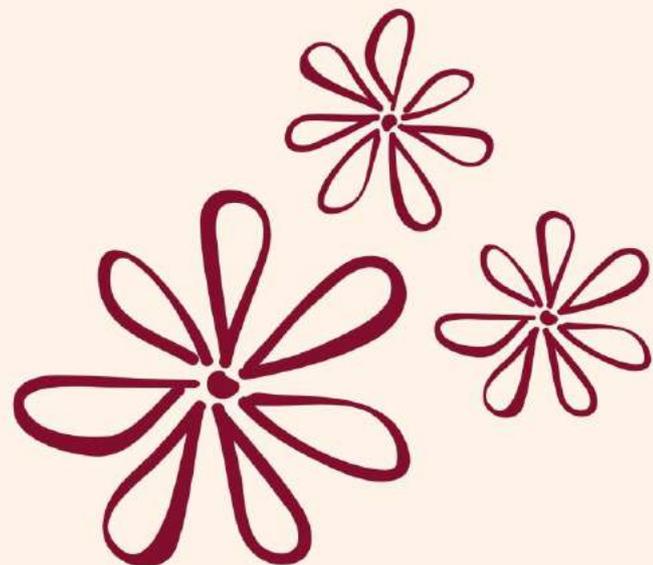
O pensamento quer muito partir  
Mas o ombro dói e me chama pro corpo  
Como o ombro não pode sumir  
O ombro será do poema o escopo...

Dor que o poeta não pode fingir  
É dor da qual só se sai quando morto  
Ou quando o gelol começa a agir  
Para em fim produzir algum conforto

Mas em verdade o que essa dor ensina  
(E é isso que me trouxe a escrever)  
É que meu ombro precisa doer

(E é isto também que mui me fascina)  
Para eu notar em mim sua presença  
Ignorada desde minha nascença



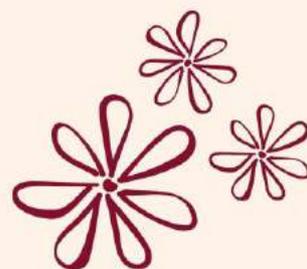
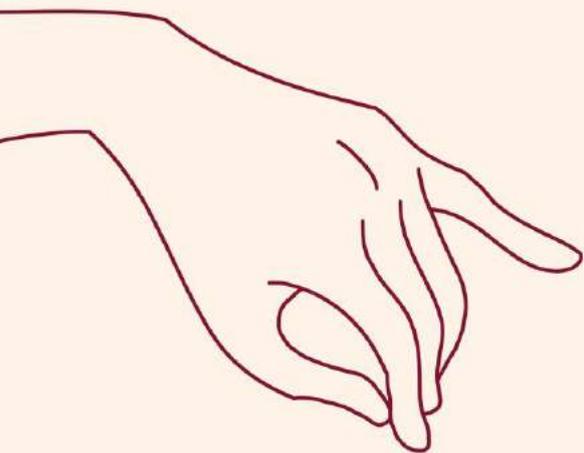


— Apresentamos o Poema —

# **Fernando Pessoa**

**Por Carlos Pinheiro Chagas de Lima**

**Sobre o autor:** Nascido em Russas (Ceará) a 21 de setembro de 1986. Cursou Ensino Fundamental e Médio na cidade, se graduou em Licenciatura Plena em Química na cidade de Limoeiro do Norte (Ceará) (UECE - FAFIDAM) e concluiu mestrado e doutorado na cidade de Fortaleza (Ceará) (UFC). É professor da SECUC-CE e poeta amador.

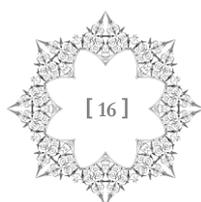


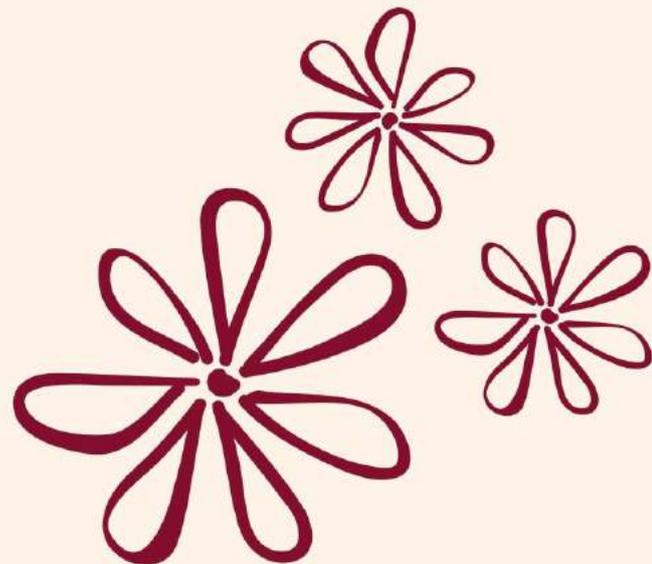
Hoje, trinta de novembro  
Anos, faz oitenta e cinco  
Que a terra perdeu um membro  
Que criava com afinco

Em seu próprio imaginário  
Um mundo pros seus iguais.  
Abriu um itinerário  
Que se fechará jamais.

Em uma noite louçã  
Fez o último rabisco  
("Não sei o que o amanhã  
Trará") em um papel prisco.

E nem já é mais miasma  
O membro que foi embora  
Mas como um membro fantasma  
Dá as físgadas na Obra.



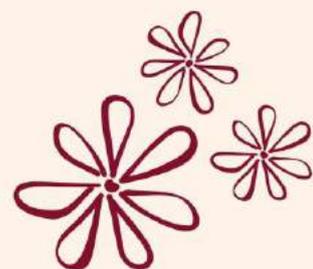
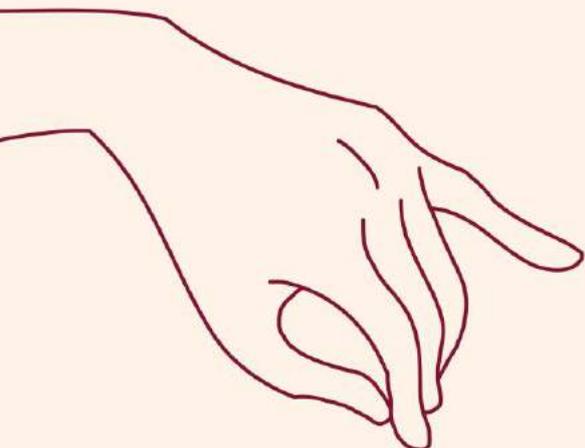


— Apresentamos o Poema —

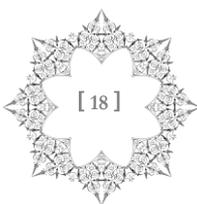
# Lembrança da roça

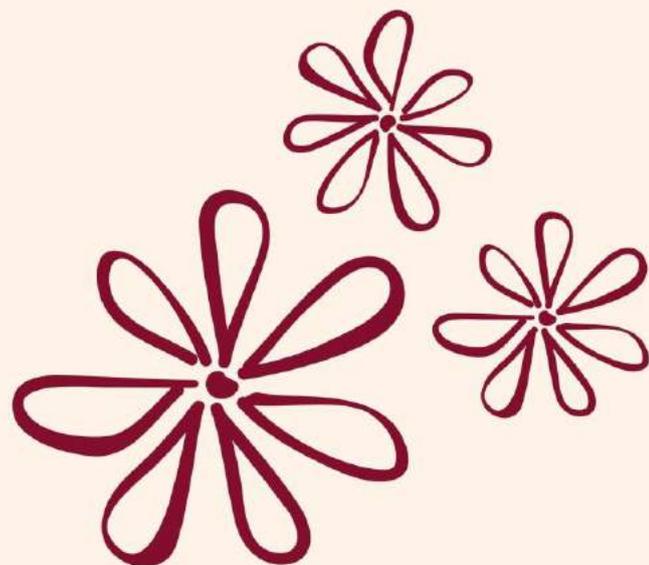
Por Di.França

Sobre a autora: Meu nome é Maria Denise de França, nascida e criada, na cidade de Boca da Mata, interior de Alagoas. Minha formação Educacional na Escola Evangelista Tenório, onde desde adolescência adquiriu gosto pela leitura e escrita. Por anos atuei em várias áreas profissionais. Porém o sonho de escrever persistiu, e a pequenos passos venho conquistando aquilo que sempre almejei, estar dentro do mundo literário. Este ano pude ver meus poemas em diversas antologias poéticas.



Lembro me de certas coisas de minha infância,  
Que em tardes em dias da semana.  
Minha mãe nos levava a roça onde plantava...  
Com a enxada nas costas, o pano na cabeça enrolada,  
para não passar mal com a tarde ensolarada.  
Caminhamos à beira da estrada,  
Onde caminhões de cana passava com carga pesada,  
Levantando a poeira da terra batida,  
Que deixava-nos acinzentados.  
Andávamos a metros de casa.  
Logo adiante o roçado do milho da macaxeira e da batata.  
Plantada ao pé da serra que ali habitava.  
O Riachinho com pouco peixe passava,  
e regando tudo aquilo que se plantava.  
Era para banho, lavar roupa e matar a sede dos animais que também ali moravam.  
Morria de medo, só de pisar na água escura que não enxergava nada  
Na minha inocência, algo me pegaria, logo imaginava.  
Hoje me recordo com certa saudade desses tempos de criança  
Naquela época não me parecia bom em nada  
Mas se tornou uma das melhores lembranças,  
De toda a minha pequena infância.



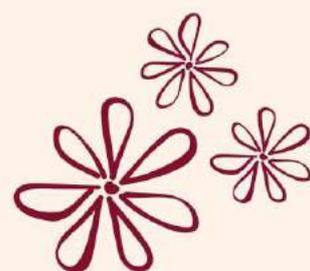
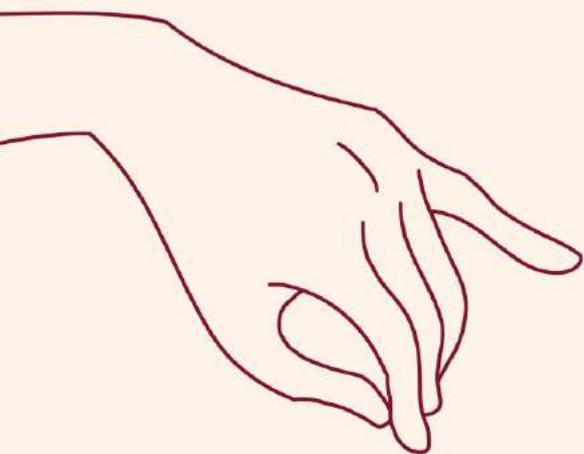


— Apresentamos o Poema —

# **Tudo**

**Por Eddie Bianchi**

**Sobre o autor:** Luciano Machado Moreno, brasileiro e brasiliense há mais de 43 anos, servidor público, formado em Direito, é apreciador de beleza de mulheres, paisagens e ideias. É ávido apreciador de delícias culinárias e fã de carros antigos e de artigos vintage. Trata-se de sujeito curioso sobre as artes literárias e se dispõe, eventualmente, à atividade de dublê de "mal escritor".



Tudo já foi diferente  
Já foi mais forte, alto e imponente  
Já compreendeu o todo e mais um pouco  
Já incluiu o tempo, o vento e a glória  
Hoje, nem metade  
O coletivo de quaisquer sucumbiu à crise dos 40?  
Ou será dos 400?  
Vai saber...  
Melhor encarar que tudo evoluiu  
E que não se contenta mais com a condição de mero pronome indefinido  
Se antes era absoluto pra incluir a integralidade  
Hoje se satisfaz ao abraçar algumas de suas partículas  
Em tudo cabe amor, calor e a caloria  
No tudo abriga rádio, canção e a sintonia  
Mas tudo não se entende bem com o oposto e o conflito  
Não é tão vasto a abranger o vulcão e meteorito.  
Nem pinguim nem urso no mesmo lugar  
Ou mesmo a virtude e o vício na mesma fofoca  
E isso é tudo que não importa  
Conflito demais pra juntar na mesma ideia  
Que canseira!  
Isso tudo é assunto a ser tratado em outro pedaço  
Do contrário tudo vira confusão  
E se tudo voltasse a ser como antes?  
Melhor nem pensar...  
Seria a própria Babilônia!  
Tudo sem ordem, forma, hierarquia  
E tudo assim não vale a pena  
A não ser pra se desejar aos inimigos que ainda não tenho  
Aí tudo vira maldade...  
E maldade é qualidade que não cogito pro lobo, muito menos pra tudo  
Pois tudo que prezo é beleza, amor e virtude  
E isso tudo enxergo no sorriso só dela

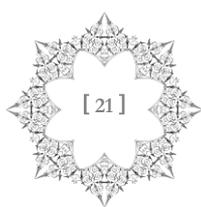
Nele vejo tudo que é bom

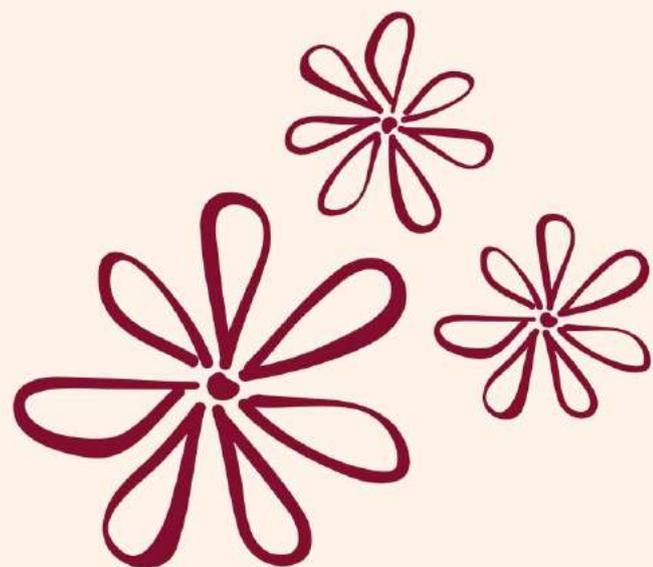
E me desperta saber tudo o que quer, o que ama, o que gosta

O que sonha, o que sobra, o que goza

E me motiva a mudar contentemente em tudo o que é dia pra ser apenas o que ela deseja:

Tudo.



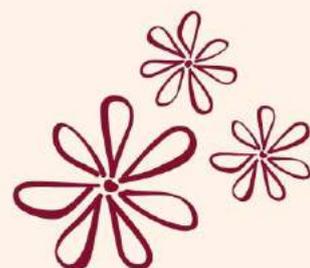
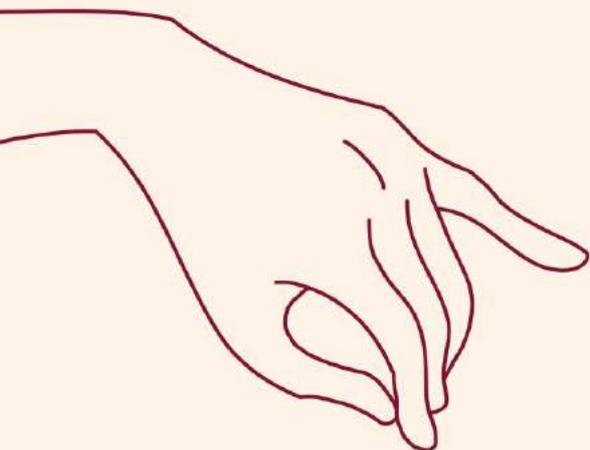


— Apresentamos o Poema —

# Memórias

Por Ediney Linhares da Silva

Sobre o autor: Escrever é a essência que me identifica, refaz e ressignifica. De certo, não seria eu mesmo sem meus Pensamentos Linharescos e sem as histórias que tenho para contar, os conselhos para dividir e as reflexões para compartilhar. Essas letras e palavras também sou eu, mas as vezes sou os sinais, as reticências, geralmente. Nas caixas que costumam nos separar assumo os rótulos de assistente social, mestrando em ensino na saúde, professor, mas fui filho, sou irmão, tio, sou amigo, sou amor de pessoas que me fazem bem. E é isso o que importa.



E eu não eu seria se na agonia nada escrevesse, nada fosse, nada fizesse.

E há quem confesse a vida não entender.

Nada a ver, nada a sorver do bom perfume que há ali,

Naquele jardim florido, como quem tivesse partido deixando beleza, sorriso e graça.

Nada rechaça a saudade fria, que dá agonia, adormece a fala e traz emoção.

Dor em vão, amor tão grande quão seja grande o coração,

Que, de versos alimenta a paz querida, que entre chegada e partida

Abraça a alma, assim ferida que, de ida em ida, cicatrizes herda.

Herda, a alma ferida, as despedidas e as lembranças

De versos diversos que cantavam alegria,

Que caminhos bons seguia, longe da agonia, da noite e pedra fria.

Falta do aconchego que alivia. Falta do colo que aquecia.

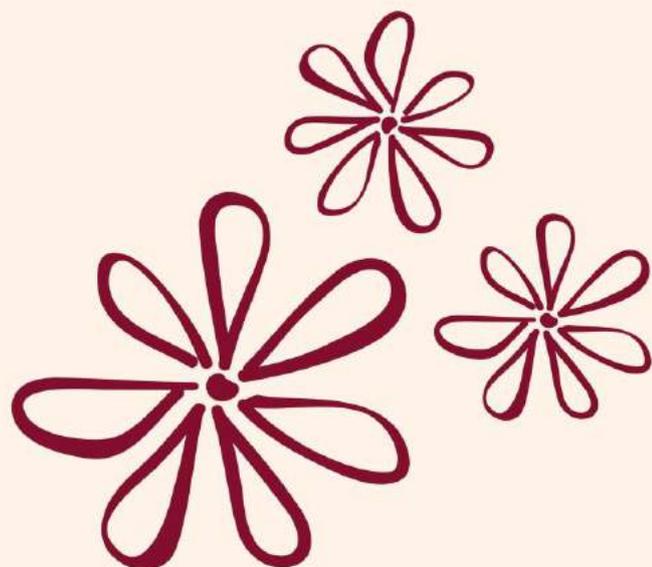
Nada mais vejo. Sem ensejo.

Só registros e contemplação.

Nada em vão.

Amor tão grande quanto o infinito intocável da imensidão do universo.



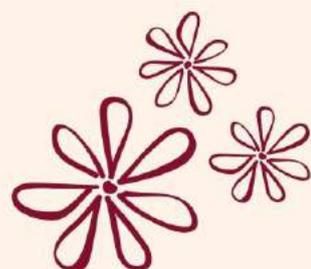
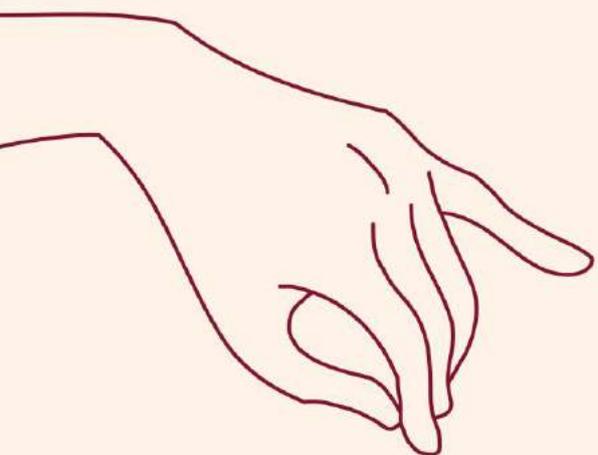


— Apresentamos o Poema —

# **Somos todos macacos**

**Por Eduardo Stumpf Linck**

**Sobre o autor: Eduardo Linck é professor de Língua Portuguesa e Literatura na Rede Estadual do Rio Grande do Sul e no município de Terra de Areia. Escritor de poesia e conto.**



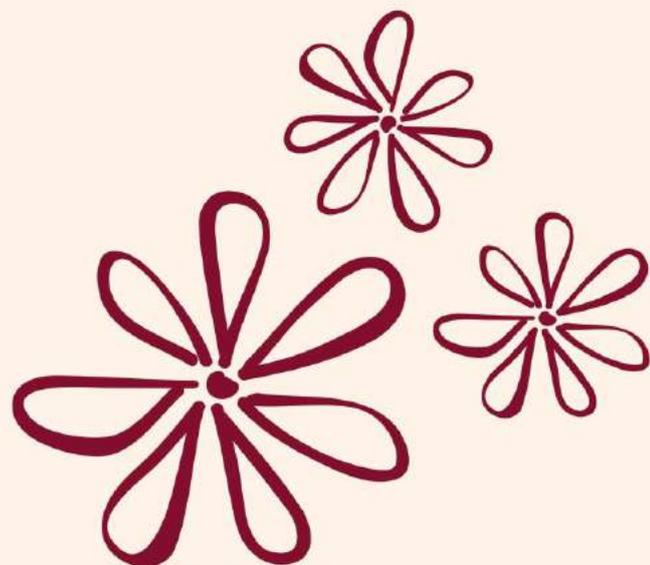
Somos todos macabros  
Pelados  
Sombrios  
Com fome de sangue  
Que escorre da cruz  
Que escorre da boca e da mão  
Mão branca que manda e conduz

Somos todos marcados  
Por fogo  
Por frio  
Como em lombo de gado  
Em que há marca servil  
Relevo que salta da carne  
Carne humana num rebanho fabril

Somos todos opacos  
Apagados  
Gentios  
Passando tortos pelo tempo  
Assim como passa o rio  
Rio de águas meio lama  
Um eterno instante sem brio

Estamos todos cercados  
Por estranha força hostil  
Que impede a sonhada liberdade  
Essa que desde a mais tenra idade  
Ensinam-nos como um pecado  
Como coisa feia, suja e vil.

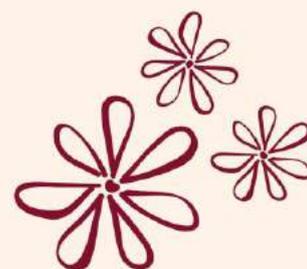
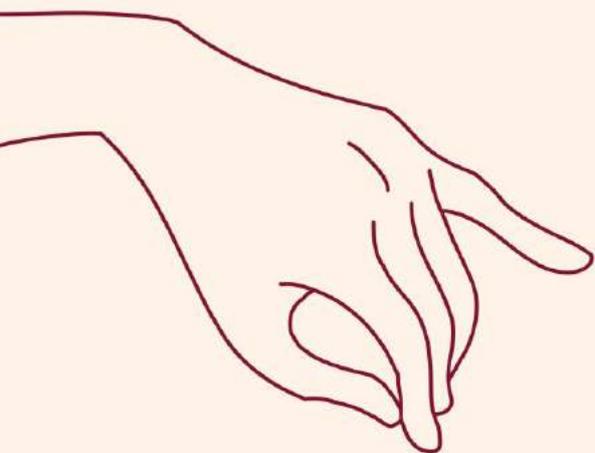




*— Apresentamos o Poema —*  
**Vestida de Cetim**

**Por Eduardo Stumpf Linck**

**Sobre o autor: Eduardo Linck é professor de Língua Portuguesa e Literatura na Rede Estadual do Rio Grande do Sul e no município de Terra de Areia. Escritor de poesia e conto.**



Um homem atormentado, de alma inquieta,  
Não tem medo da morte; a encara de frente!

Pois morto, há muito já se sente.  
Descompassado é o coração de um poeta.

Muito embora, não deixe se ser pulsante.

Em momentos alegres e de tristeza,  
Sejam de horror ou de beleza,  
Intensamente, vive cada instante.

Mas até quando poderá ele suportar

Insistente dor que nunca cessa?

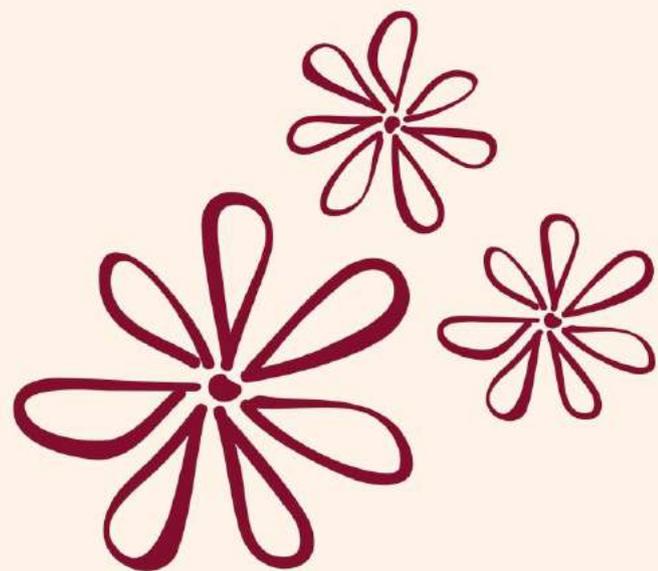
Na verdade, isso não interessa!

Será ele vivo até onde aguentar.

E se algum dia tal fardo o deixar,

Já não será mais ele um poeta.

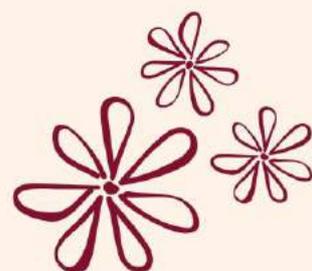
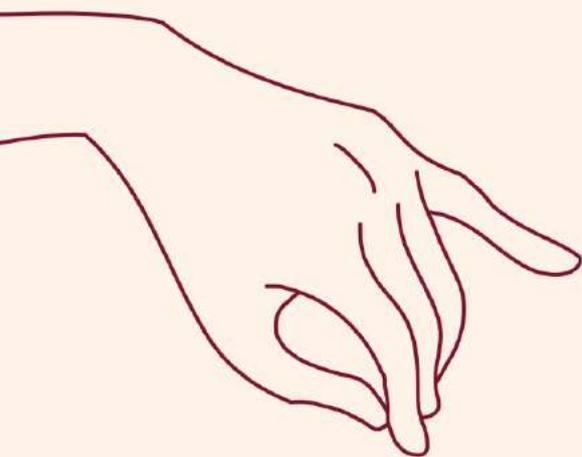




— Apresentamos o Poema —  
**Chuvosos Dias**

**Por Eduardo Stumpf Linck**

**Sobre o autor: Eduardo Linck é professor de Língua Portuguesa e Literatura na Rede Estadual do Rio Grande do Sul e no município de Terra de Areia. Escritor de poesia e conto.**

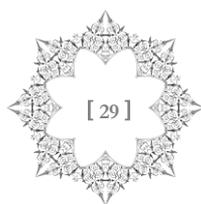


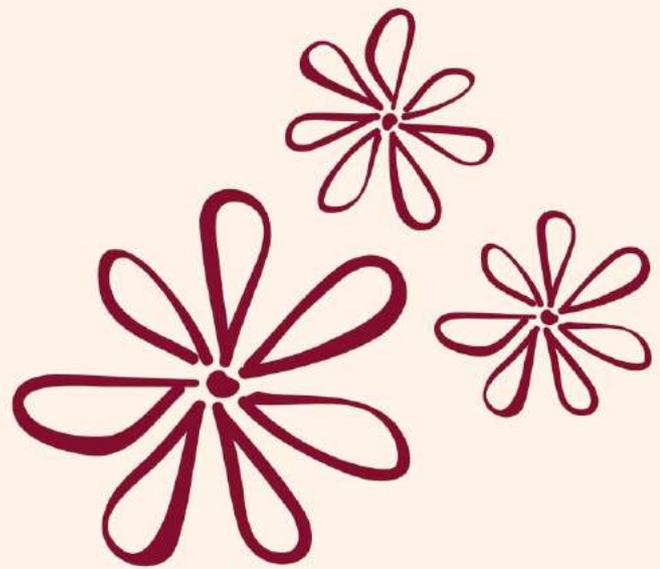
Venha me inundar de inspiração  
Que das nuvens traga belas frases  
Prometo que de ti me queixo não  
Pois melodias é o que me trazes

Atento estarei para bem entendê-las  
Bloqueando-me aos ruídos urbanos  
Mesmo que contigo não veja estrelas  
Amo-te mais que a muitos humanos

E se for eu capaz de compreender-te  
Humildemente, irei fazer  
Um poema em tua homenagem

Se bem que o poema será mais teu  
Pois na verdade, a inspiração quem me deu  
Foi tua magnífica paisagem.



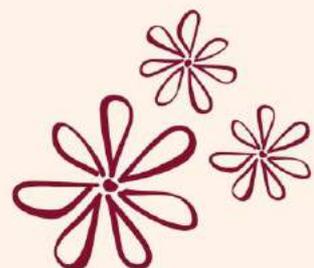
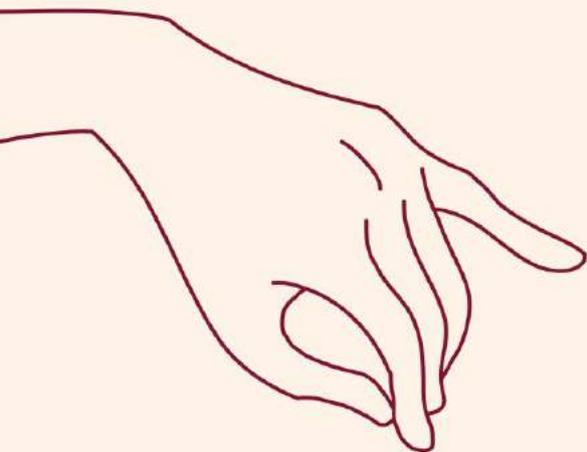


— Apresentamos o Poema —

# Mar de lágrimas

Por Fernando Carvalho

**Sobre o autor: Fernando Carvalho é um artista que escreve muitos livros e músicas. Prof. de desenho e pintura, cantor gospel e diácono. começou dois cursos superiores de Direito e Letras, mas desistiu ainda no primeiro período. Ama a vida e Jesus Cristo é o seu senhor!**



Com profunda tristeza  
E grande dor no coração  
Eu sinto uma carência  
E amarga solidão

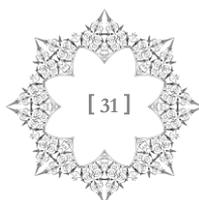
Um mar de lágrimas  
Eu já derramei  
E com minha alma ferida  
Eu Te invoquei

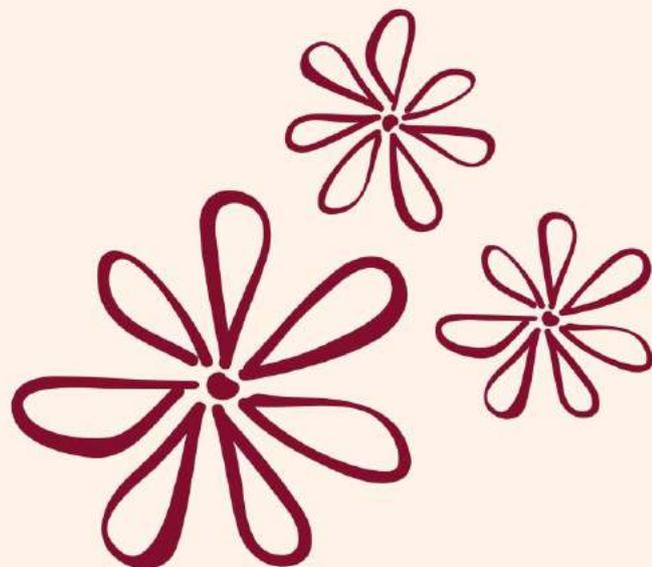
Contemplei um céu nublado  
E em prantos me curvei  
Jesus Tu És Minha vida  
O Meu Rei dos reis

Eu estou bem certo  
Que Tu És O Meu Senhor  
Que estás bem perto  
Meu Jesus e Salvador

Minha maior alegria  
É poder Te contemplar  
Meu Deus Vivo  
Minha Pedra Angular

Quero ser feliz  
Meu Deus, Meu Senhor  
Sou um aprendiz  
Do teu veraz amor



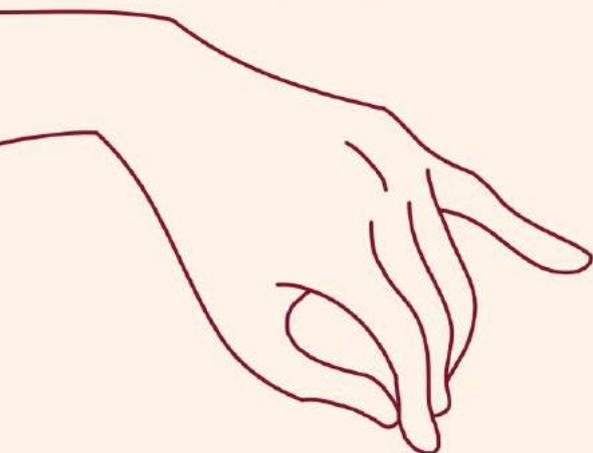


— Apresentamos o Poema —

# Versos tecidos com fios de emoção

Por Hannah Carpeso

Sobre a autora: Hannah Carpeso surgiu quando um Lápis escreveu um Sonho e enviou ao mundo um Cartão Postal Duas de suas obras que incentivaram sua carreira literária. Carioca, especialista em Educação e Bioética, viveu o Magistério e a Administração Pública Federal. Seu trabalho literário vem sendo reconhecido e publicado em concursos em níveis: nacional e internacional com participação em antologias poéticas e contos.



Momentos

De alegria ou apreensão?

Tecer poema liberto da razão

Fios em rima métrica...

Autoria simétrica

Colorir estrofes em conexão

Harmonia musicada

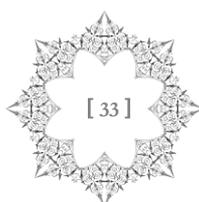
Conduz ritmo às palavras.

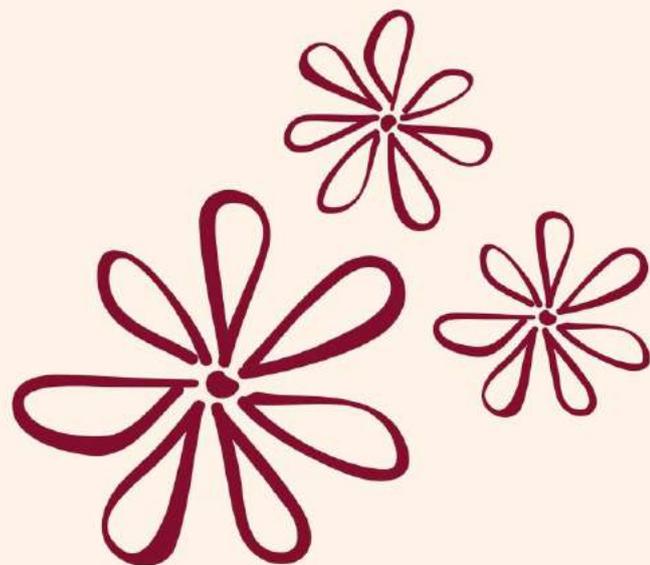
Casa o avesso ao direito.

Cada linha trabalhada

Versos tecidos com fios de emoção

Trançados revelam a alma do poeta – tecelão!



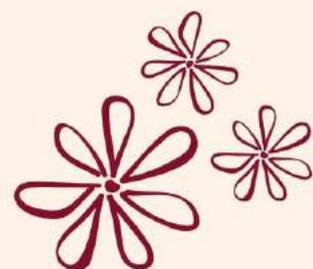
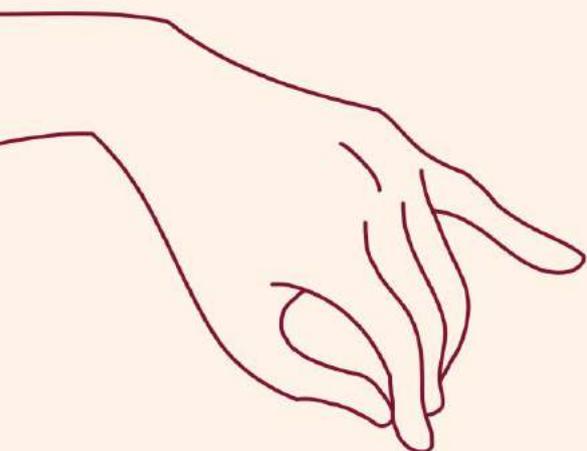


— Apresentamos o Poema —

# Líquida

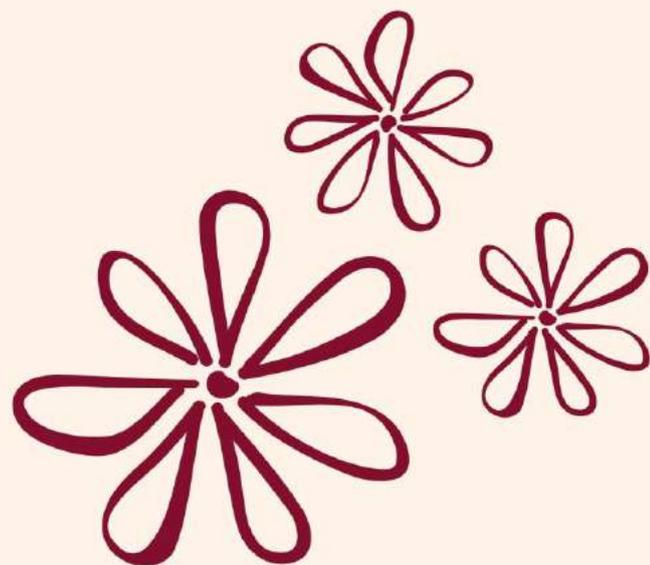
Por Hennek Bezerra

Sobre a autora: Hennek Bezerra de Souza. 27 anos. Nascida em Belém do Pará. Formada em Pedagogia. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação, na Universidade do Estado do Pará. Desenvolve sua pesquisa no campo da Educação Sensível e Literatura de Expressão Amazônica. Pesquisadora e membro do Núcleo de Culturas e Memórias Amazônicas - CUMA. Para além do âmbito acadêmico, teve seu primeiro poema publicado na antologia Poesia Brasileira, em 2022 pela editora Arte da Palavra. Acredita na força da palavra como forma de resistência.



Passei uma vida inteira fugindo das minhas palavras. Tentei de tudo para afastá-las. Negava que elas me pertenciam. Porém, elas sempre me encontravam, principalmente quando eu tentava disfarçar a necessidade que eu tinha de que elas estivessem ali quando eu precisasse. Mesmo assim elas se achegavam, sempre de surpresa. Ora leve e suave, como a brisa que toca o rosto e anuncia a chuva da tarde. Ora cruel e impiedosa, como estar em alto mar em meio uma tempestade. Elas continuavam vindo. Quanto mais eu tentava sufoca-las dentro de mim, mais eu me afogava nelas. Nadava contra a correnteza, procurava chegar até a margem, sem êxito. A sensação era da maré me derrubando, me puxando para o fundo. Então eu submergi. Mergulhada em águas profundas eu não podia mais resistir. Foi ali que percebi que não sentia mais a dor da incompletude. Naquele momento me tornava uma só com o todo. Não mais um corpo materializado em medo e insegurança. Eu tinha me transformado em essência, cheia de desejo e liberdade. Submersa naquelas palavras que tornaram o coração sólido em alma líquida. Que agora é livre, flui, está no orvalho das flores, nos pingos da chuva na janela, na espuma das águas que banham teus pés na praia, nos olhos de quem lê meus rios de palavras.

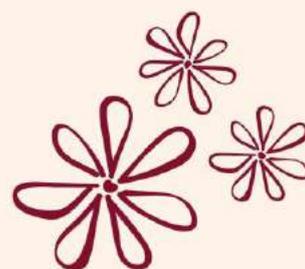
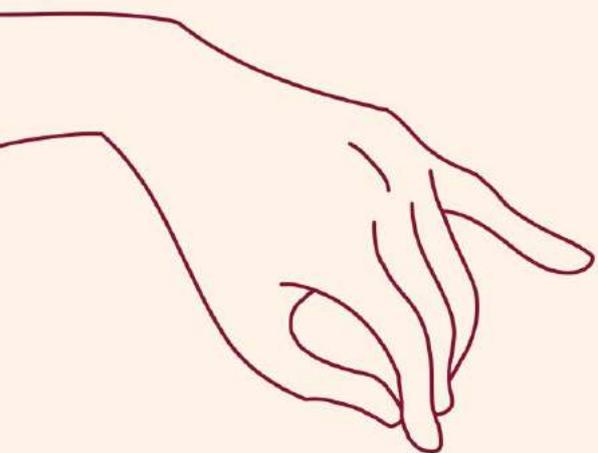




— Apresentamos o Poema —  
**Lembre de mim**

Por Joelma Duarte

Sobre a autora: Joelma Ribeiro Duarte, 37 anos, casada, nascida na cidade de Nova Cruz - RN, formada em letras pela UNITINS (Universidade do Tocantins), atua como professora de Língua Portuguesa e Espanhola no estado do Rio Grande Do Norte, escreveu alguns poemas durante a pandemia, inclusive fez uma paráfrase do poema "José", de Drummond, entre outros. Recentemente escreveu um poema sem usar a vogal "a", que o intitulou "Lembre de mim".



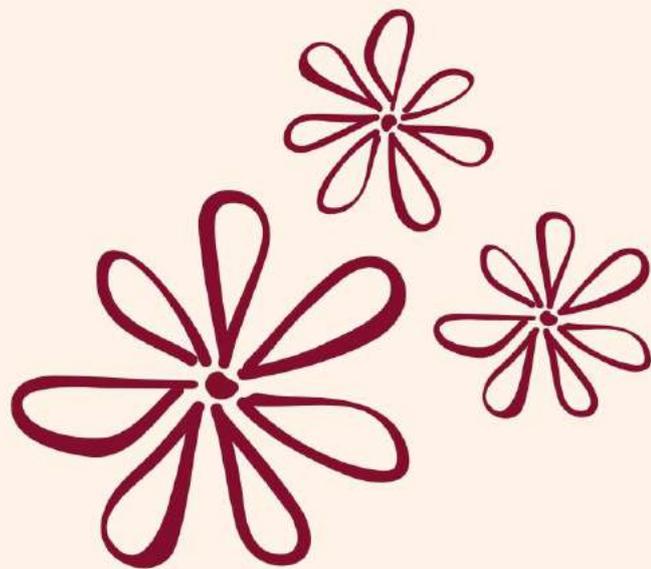
No sol que reluz no horizonte  
No vento que soprou sereno e frio  
No verde que colore os belos montes  
No córrego que se encontrou com o rio.

No relógio que corre em desespero  
No tempo que se foi, e ninguém viu  
No cheiro do perfume, do tempero  
No espelho que meu vulto refletiu.

No ser que vive humildemente  
No choro do filho que chegou  
No menino que corre risonho e contente  
Nos momentos felizes e de dor.

Em tudo o que fizer eu viverei  
Dois corpos desprendidos por descuido  
Por onde você for, te seguirei  
E serei seu protetor em outro mundo.





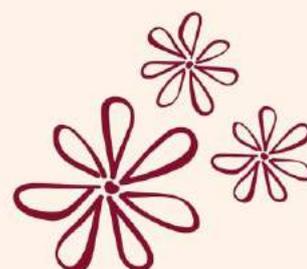
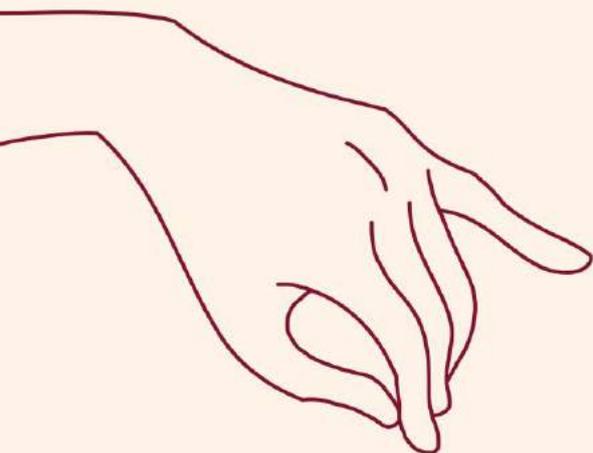
— Apresentamos o Poema —

# Procurom-me nos fragmentos

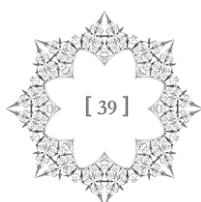
Por Lana Miler

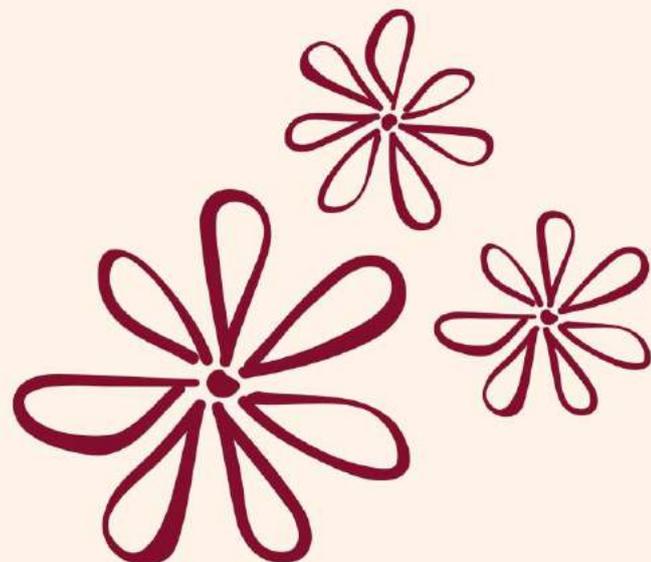
Sobre a autora: Desde jovem sentia uma forte inclinação pela literatura. Leu os clássicos e passou a escrever como exercício. A poesia é o gênero que produziu mais trabalhos, tendo também crônicas. Aprecia outras manifestações artísticas como pintura, cinema, teatro e música.

Tem licenciatura em História.



Procuro-me nos fragmentos  
Das imagens construídas por palavras  
Nos esconderijos das lembranças,  
Nos desejos proibidos, nas sensações  
Procuro-me nos sussurros, nos suspiros, nas saudades  
às vezes, encontro-me em alguém  
que sentiu solidão, êxtase, perplexidade,  
que perdeu um amor,  
que se enganou, e não dormiu, e sentiu arrepio  
recolho as perdas, as tristezas, o vazio  
deixo o passado escorrer  
depois componho pedaços de luz  
que alimentam meu encantamento





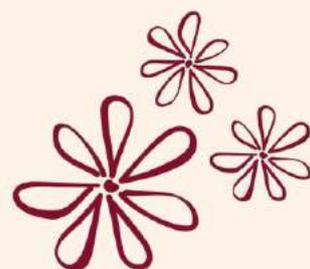
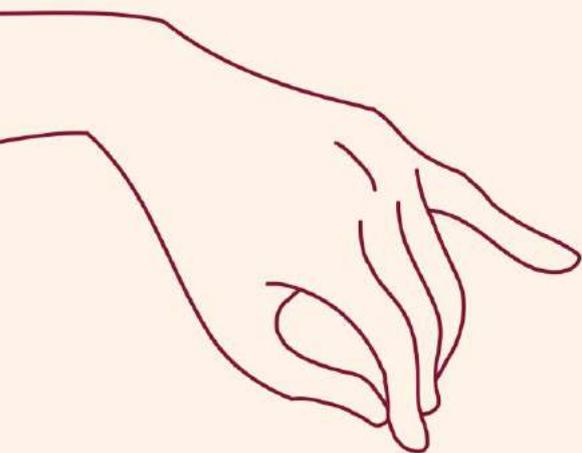
— Apresentamos o Poema —

# O zumbir da cigarra

Por Lana Miler

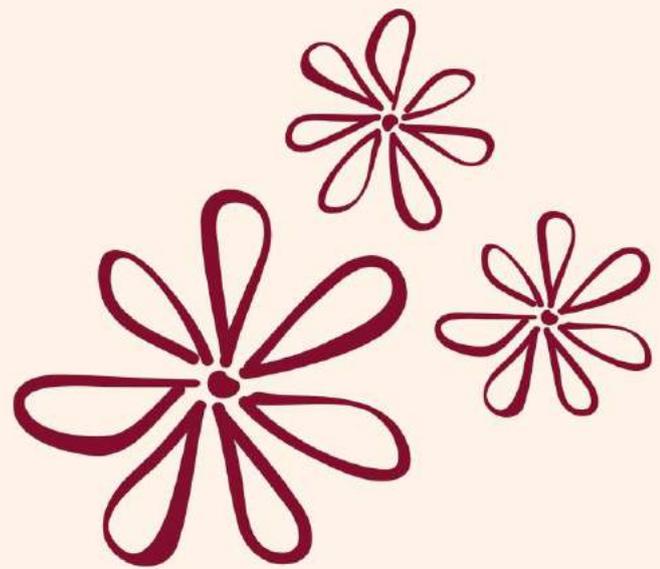
Sobre a autora: Desde jovem sentia uma forte inclinação pela literatura. Leu os clássicos e passou a escrever como exercício. A poesia é o gênero que produziu mais trabalhos, tendo também crônicas. Aprecia outras manifestações artísticas como pintura, cinema, teatro e música.

Tem licenciatura em História.



O zumbir da cigarra  
Envelhecia a tarde já embaçada  
As horas arrastadas continham  
Resquícios de nostalgia  
À janela fios emaranhados,  
Rascunhos urbanos  
Anulam as lembranças  
Da província que não vi crescer  
O sossego prolongado até ilustrar  
essa noite diluída em solidão





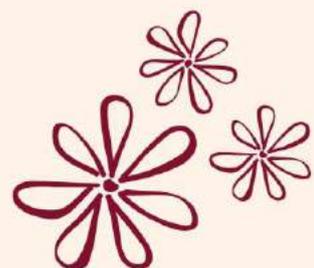
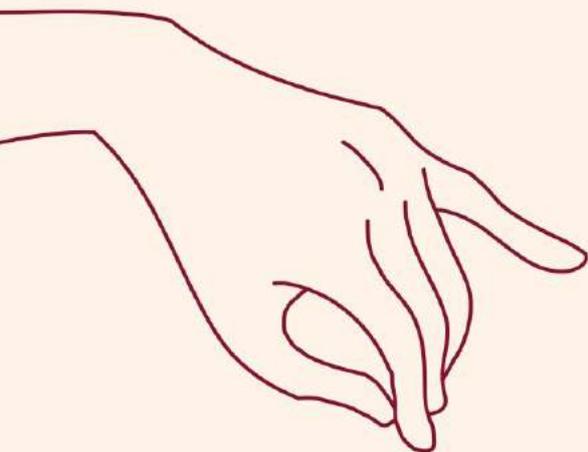
— Apresentamos o Poema —

# Os amores perdidos

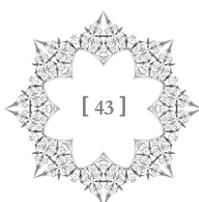
Por Lana Miler

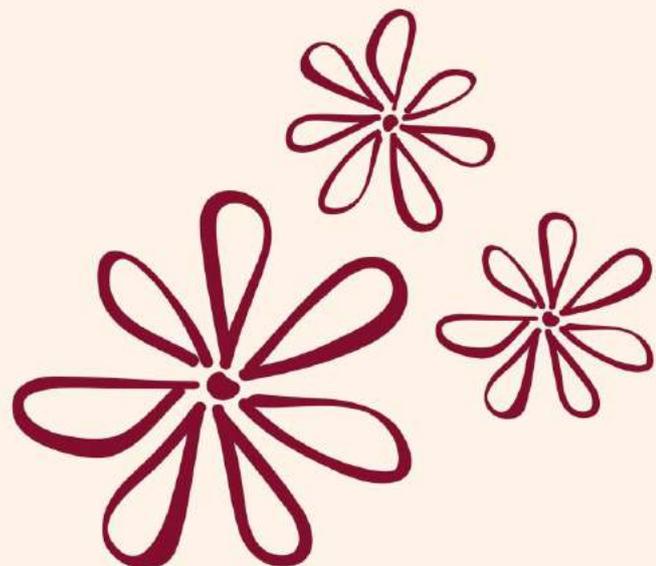
**Sobre a autora:** Desde jovem sentia uma forte inclinação pela literatura. Leu os clássicos e passou a escrever como exercício. A poesia é o gênero que produziu mais trabalhos, tendo também crônicas. Aprecia outras manifestações artísticas como pintura, cinema, teatro e música.

**Tem licenciatura em História.**



Os amores perdidos  
ficam suspenso como  
uma cena congelada  
os amores feridos  
por maus entendidos  
nunca acabam  
resta a sensação de que falta  
um abraço bem apertado  
um beijo apaixonado  
os amores perdidos  
é uma subtração do tempo  
é uma falta que não acaba  
Os amores perdidos nunca tem fim





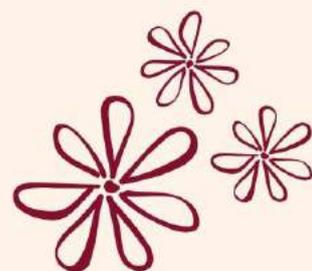
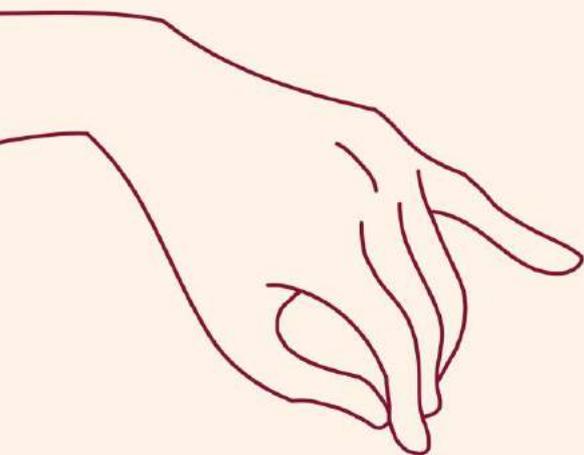
— Apresentamos o Poema —

# **Sem pressa**

**Por L A**

**Sobre a autora: (LA), formada em Letras Português pela UFC (UFC Virtual) Pós Graduação em Educação Infantil e Alfabetização, professora de Reforço Escolar.**

**Sempre gostei de ler e escrever, ultimamente venho arriscando escrever pequenos Contos e Poemas.**



Hoje acordei mais cedo,  
acordei mais leve,  
Acordei com vontade de ser feliz.  
"Ser feliz" comigo mesma e com tudo à minha volta.

Esquecer o passado e mergulhar no presente sem pressa ou medo do futuro.  
Aliás, futuro é coisa incerta,  
não vale a pena gastar nossas energias pensando em como vai sê-lo.  
deixemos que ele venha e nos surpreenda.

Mergulhar no hoje e delimitar metas, talvez seja uma questão de organização de nossas prioridades.

Hoje, somente hoje importa

O que eu estou fazendo mesmo nesse dia?

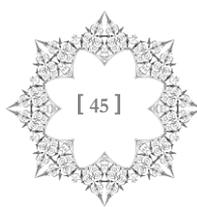
Como se diz:

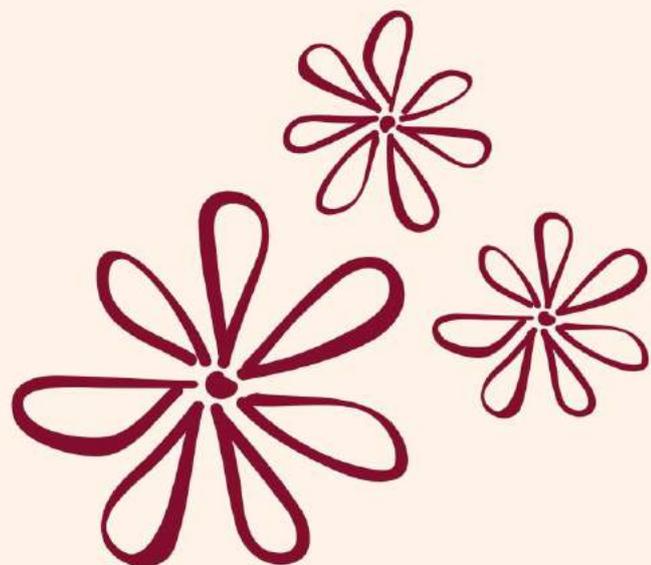
O futuro a Deus pertence significa dizer, portanto que não podemos controlar o dia de amanhã.

Cada dia é uma dádiva, um presente de Deus para nós.

Não vale a pena gastarmos o nosso tempo com sentimentos pequenos.

Que sempre existam em nossas vidas dias plenos sem o pesar dos erros do passado e sem a preocupação com o amanhã distante.



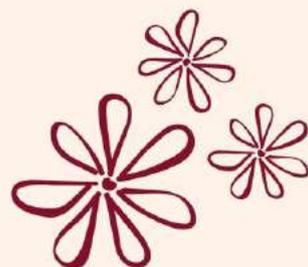
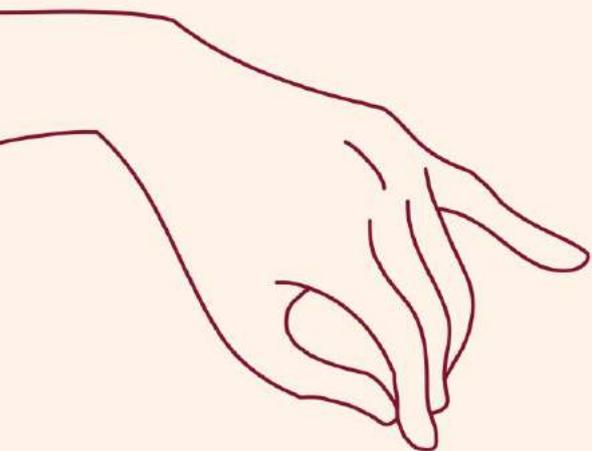


— Apresentamos o Poema —

# **Lutar, florir, viver!**

**Por Maria Neta de Sousa Dias Vieira**

**Sobre a autora: Maria Neta de Sousa Dias Vieira é professora aposentada e escritora. Reside em São José dos Campos, SP. É autora do romance Conchas em Rubi, publicado pelo selo Página Nova. Tem participações em antologias de contos, entre essas, a Antologia PETS, publicada por esta revista. Também participou em antologias de Micro literatura. Atualmente trabalha na escrita de novo romance e integra grupos de autores como Café do Escritor, Clube de Criação Literária e Literatura Mínima.**



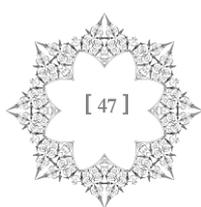
Que em seus caminhos  
Abundem as flores e os frutos  
Esse é o meu desejo para você!

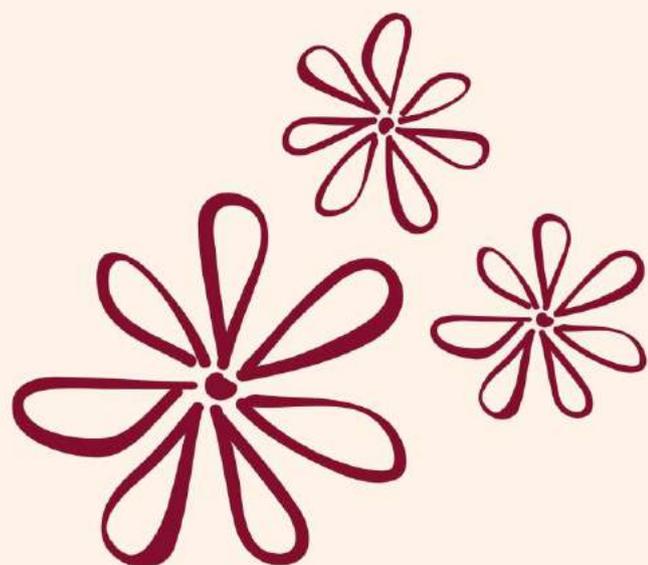
Porém, meu querido amigo,  
É importante saber, não poderá  
Livre de espinhos viver!

Na coerência da vida,  
Para a vitória ganhar  
É necessário, por certo, lutar!

Ainda assim, o mais importante  
É saber o bom capitão escolher.  
E ele sempre estará com você!

Confiança, apreciar as flores  
E produzir os frutos.  
Avante! Lutar, florir, viver!



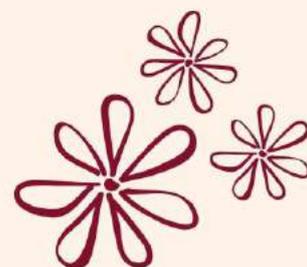
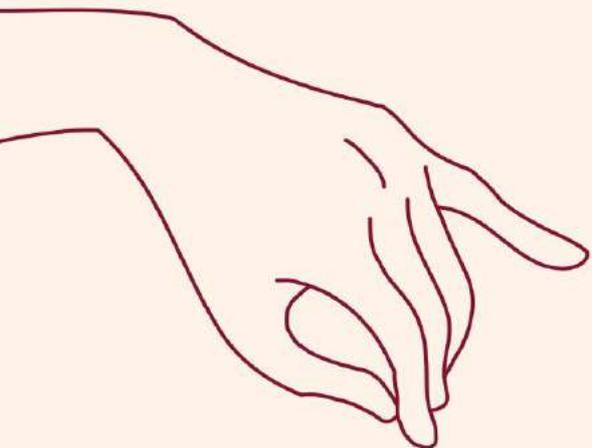


— Apresentamos o Poema —

# **No Mínimo O Mínimo**

**Por Meire Marion**

Sobre a autora: Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie*(2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2021) e *Dois Gatinhos*(2021). Também participa de diversas antologias com poemas e contos. Gosta de lecionar, ler, escrever, cozinhar, viajar e gatos.

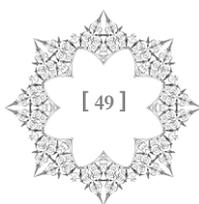


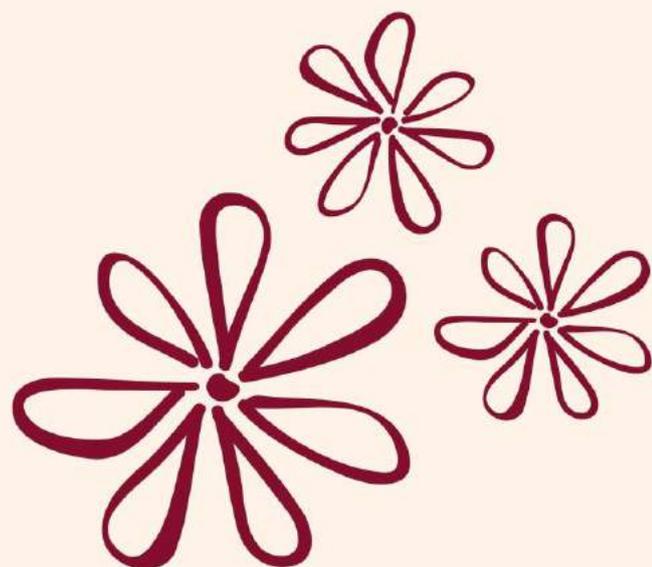
cumprimente aquele seu vizinho chato no elevador,  
mesmo sabendo que ele nunca vai te responder,  
é o mínimo que possa fazer.

convide as pessoas para as suas atividades, eventos, almoços, jantares,  
mesmo sabendo que seu convite será recusado.  
é o mínimo, todos querem pertencer.

agradeça por aquele presente mesmo que não tenha o apreciado  
apesar de não ter acertado o seu gosto,  
no mínimo pensou em você.

no mínimo faça a sua parte,  
mesmo que o outro não a faça.  
é o mínimo.



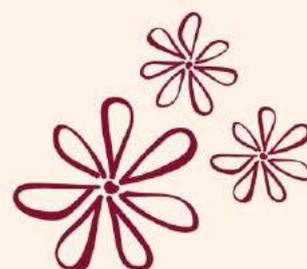
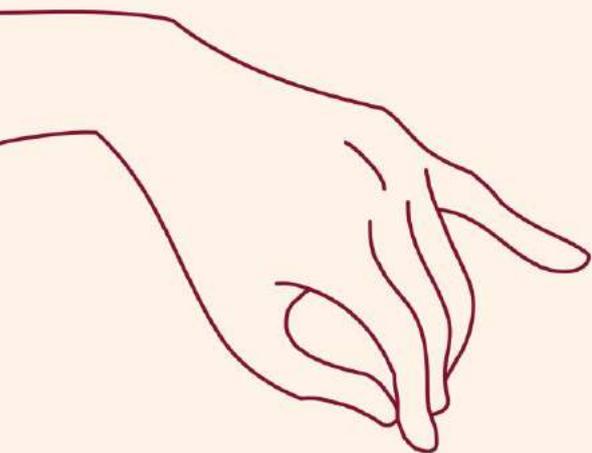


— Apresentamos o Poema —

# Correspondência

Por Patrícia Rodrigues Pires

Sobre a autora: Patrícia Pires, poeta, escritora e psicóloga, uma das criadoras do projeto poético-fotográfico no Instagram @ameninadabolsa e Facebook (projeto colaborativo) e do projeto @poetanacronica de cartas-poesia. Graduada em Psicologia pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM) e Pós-graduada em Psicopatologia e Saúde Pública. Amante das artes e da música em movimento.



Enderecei para você minha correspondência

Potência

Falência

O zelo do aconchego

Um denego seu

Reservei minhas melhores metáforas

Para te rever

Nas minhas palavras

Escolhi cartas

Enviei

Abracei cada uma delas

Ansiedade de aguardar

Correspondência

Invade os versos de rasgos

Encontrei vozes

Sons

Símbolos

Amores vívidos

Incursão

Divaguei por esses vagões vazios

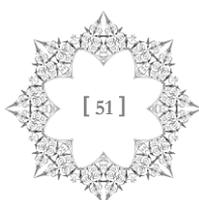
Cheios de gente

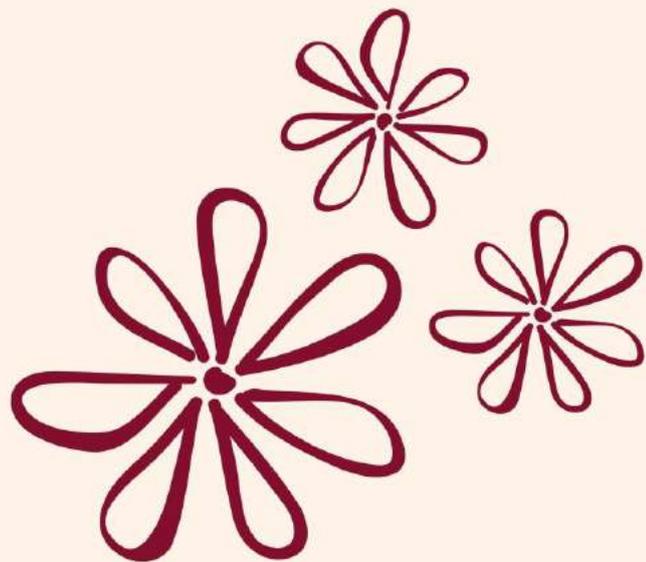
Cruzei imagens

Cortei papel e embrulhei

Presentes

E a carta chegou?



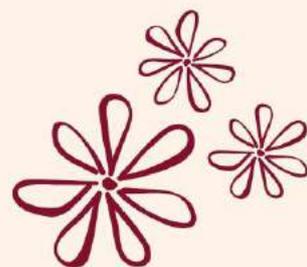
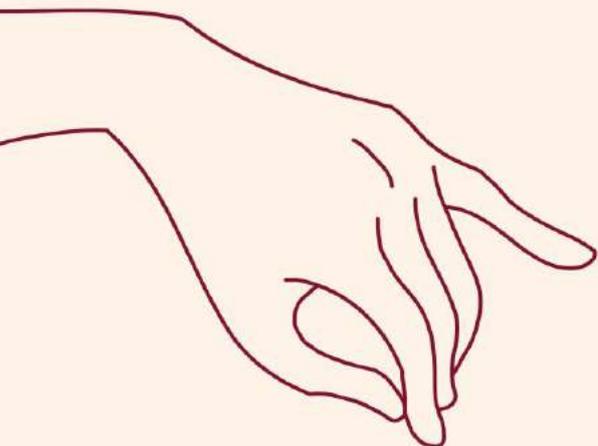


— Apresentamos o Poema —

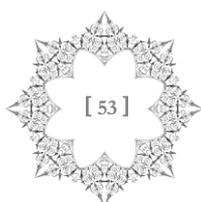
# **Ficções**

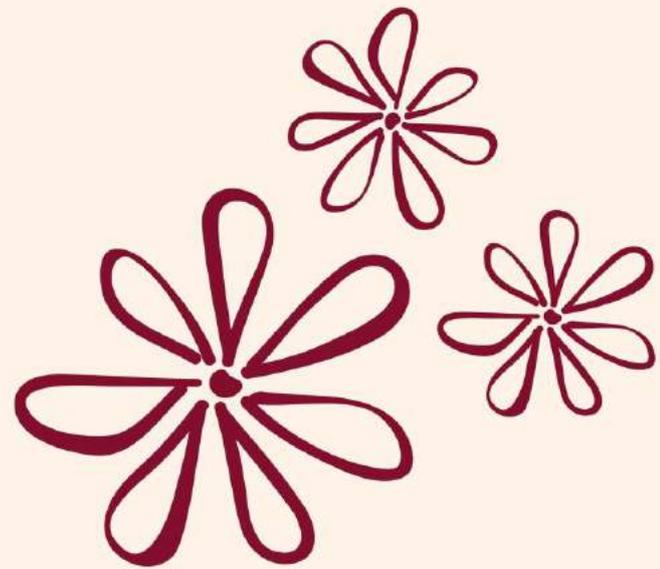
**Por Patrícia Rodrigues Pires**

**Sobre a autora: Patrícia Pires, poeta, escritora e psicóloga, uma das criadoras do projeto poético-fotográfico no Instagram @ameninadabolsa e Facebook (projeto colaborativo) e do projeto @poetanacronica de cartas-poesia. Graduada em Psicologia pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM) e Pós-graduada em Psicopatologia e Saúde Pública. Amante das artes e da música em movimento.**



Habitei ficções  
Emoções nuas  
Te avistei na minha cabeça  
Como quem vê a sua própria imagem perto  
Deve ter sido a Pandemia  
Me provocou essa epidemia de você  
Da chuva paulista impregnada de verdade  
Inutilidade minha  
Nessa excitação de vertigens imagens esfinges ou miríades  
Miragens  
Cantarolei versos  
Regressos  
Registros  
De que você existe  
Persiste na minha imprecisão hesitante  
Quando me escondo ou me encontro  
Hábito no hábito de um olhar doce  
Da montanha estranha a idiosincrasia  
De profetizar minha passagem bela  
De novos quadros elásticos  
No compasso descompassado  
Das rimas do passado  
No passo a passo  
Enlaço  
O laço  
Da vida  
Te amasso  
E te faço  
Minha capilaridade lunar  
Pode esperar!  
No meu dizer este(lar)



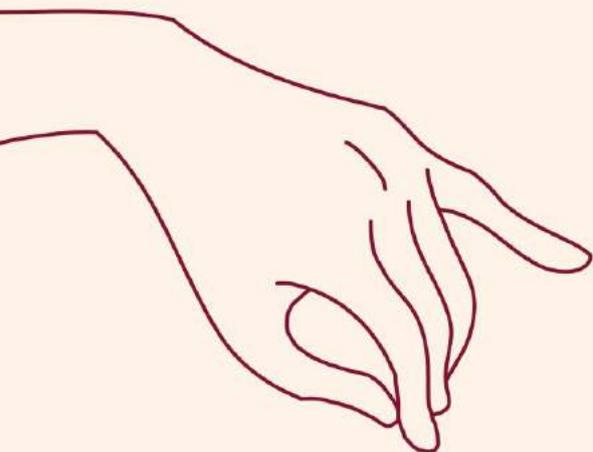


— Apresentamos o Poema —

# Quando não há o que dizer

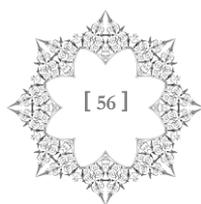
Por Patrícia Rodrigues Pires

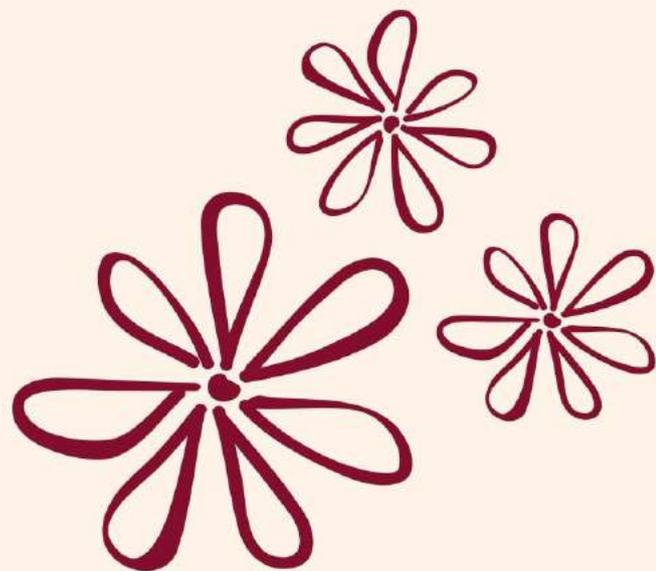
Sobre a autora: Patrícia Pires, poeta, escritora e psicóloga, uma das criadoras do projeto poético-fotográfico no Instagram @ameninadabolsa e Facebook (projeto colaborativo) e do projeto @poetanacronica de cartas-poesia. Graduada em Psicologia pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM) e Pós-graduada em Psicopatologia e Saúde Pública. Amante das artes e da música em movimento.



Eu sou você, enquanto você não é  
Eu sou você,  
enquanto fujo  
Eu sou o nada, que desperta sonho  
Eu sou o que não fui, e ainda serei palavra  
No não-ser,  
Que eu possa ser mistério (medo velho)  
O enigma a me (des)vendar  
Que na ilusão, eu me faça ação para o novo  
Que na solidão, eu abra a janela da vida,  
Indagação  
Na interpretação, eu leia você, eu, a vida... Não só os livros... Esses amigos para a vida  
toda  
Existe um infinito de vidas, que não viverei,  
Quando não há o que dizer,  
é quando mais há  
Existe uma viagem - não viajada  
Que na minha mente ela acontece,  
Diariamente despercebida  
Quando falo comigo,  
Quieta.  
Se você soubesse que existe um trem de pensamentos, velozes, disparados, codificados,  
às vezes em sonho, às vezes em alma  
Sinto tanto e sinto tão pouco  
É quando a distância se aproxima  
Quando pinto um quadro  
Ele me vigia? Ou eu estou a vigiá-lo?  
Me alucina essas cores em movimento  
A colorificação parada  
Quando escrevo não me explico, complico  
As questões sem resposta  
Minha aposta que existe algo além do tangível  
Sentada, existe um mundo turvo, acelerado, de imagens distorcidas, lentas e rápidas

Que no não existir, existem  
Na minha mente  
Que mente e sente  
A vida  
Como partida  
Que não parte  
Fica.



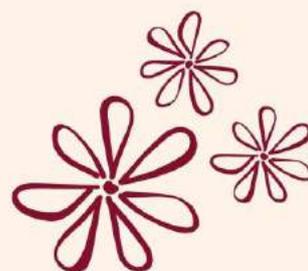
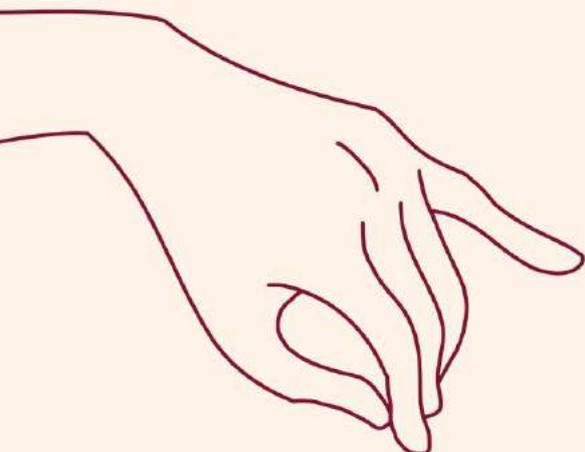


— Apresentamos o Poema —

# **Patchwork, Não!**

**Por Rosamares da Maia**

Sobre a autora: Rosamares da Maia escreve Contos, Crônicas, tem Poemas no Blog Lusofonia Poética, Antologias como Incertezas e Fragilidade, Ed. Scortecci / Trilha de Lótus, na Ed. Andross. Finalista do Prêmio Strix 2020. Publicou na Ed. Litteris: Ludmila a Lagartinha Maratonista, As Aventuras de um Barquinho de Papel, Retalhos de Vida, Amores Cores e Sabores e Haicais à Brasileira / Ed. Autografia Pita Pitanga e a Abóbora Moranga. Participa e foi certificada pelas antologias da Revista Conexão de Literatura. Contos: Não Sei se Devo, Mas Vou CONTAR e Tempo de Contradições (Poemas) Ed. Litteris.



Eu não sou patchwork. Não sou não!  
Sou mesmo colcha de retalhos, de todo tipo,  
Pedacinhos de sobras de pano, irregulares,  
Corte da tesoura da minha avó portuguesa.

Sem modelagem ou ângulos harmoniosos.  
Nada de tecido de boa origem - tom sobre tom.  
Sou aproveitamento, chitinha cheia de cores.  
Dançando na mesa solidária de minha avó,  
Viva e sempre consistente de generoso amor.

Era o jeito da mãezinha com nome de flor,  
Costurava sem burocracia recortes do dia a dia.  
Retalhos unidos com a linha da solidariedade,  
Trama pueril, filhos, netos, naturais e postiços,  
Entrelaçados na colcha fraterna da família.

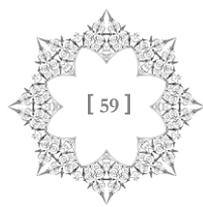
Cada laçada, uma lembrança – e eram tantas!  
Cada pedacinho, uma história brincando de vida,  
Amor costurado em colchas e toalhas de mesa.

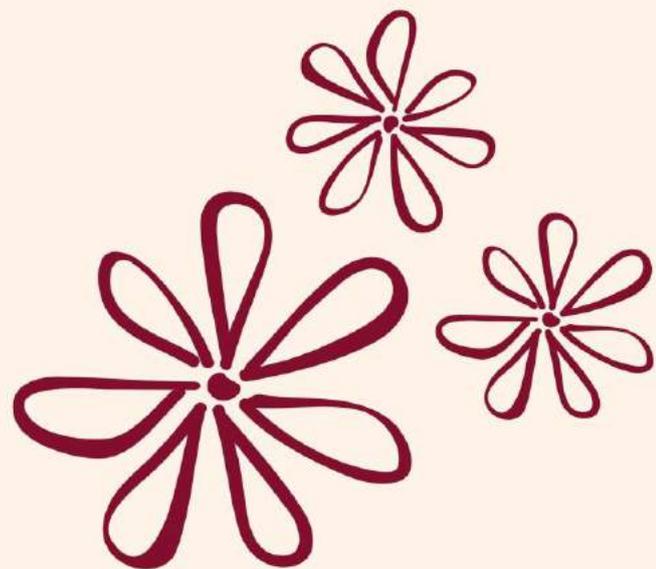
Verdades transbordando nas noites sem TV,  
No som sem cortes dos programas de rádio.  
Pregados na emoção dos pedaços da alma,  
Banhada em sorrisos entre lágrimas e orações.

Não! Não quero ser patchwork, não!  
Aprendi a assimetria simples de minha avó,  
De retalho sem sofisticação, costurado a mão,  
Impregnado do som das novelas de rádio.

Do olhar ao longe desenhando personagens,

Doce olhar da minha saudade descosturada,  
Dos retalhos da minha infância tão distante,  
Do tempo que se foi sem aprender a remendar...



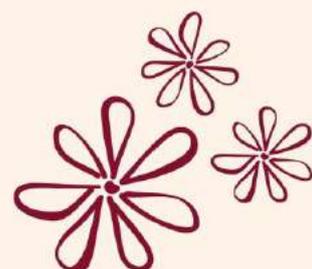
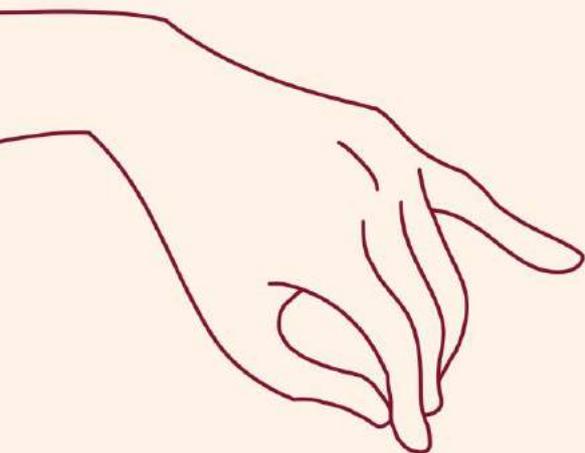


— Apresentamos o Poema —

# Difícil

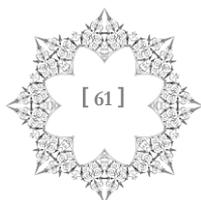
Por Sellma Luanny

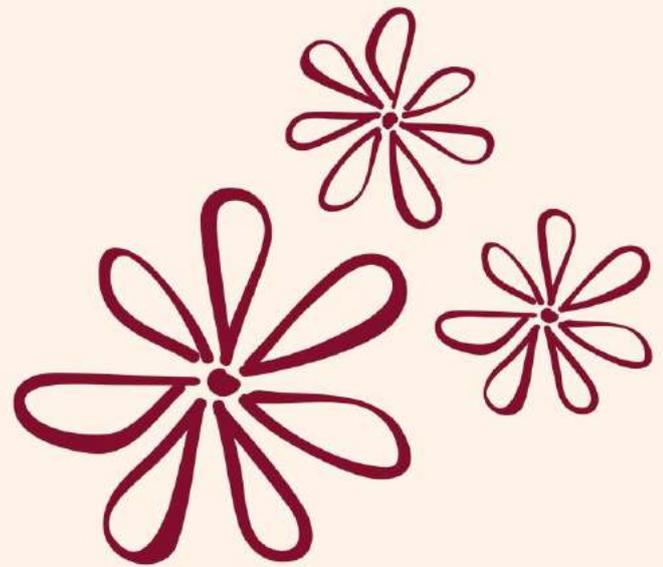
Sobre a autora: Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de sete antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.



Medeia, feia forma  
simples verbo.  
Grega tortura,  
complexa Medeia.  
Navega em naus  
da imaginação,  
prosopopeia.  
Sob rijas pedras,  
morta e enterrada,  
Pompeia.

Eia, eia boi!  
Sofrida tristonha  
boiada...  
E esta língua,  
quem entende?  
"Sem eira nem beira".  
Com meia sem meia...  
e a apertar, o sapato.  
Complicado!



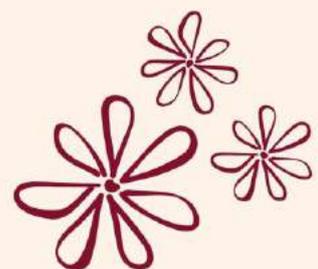
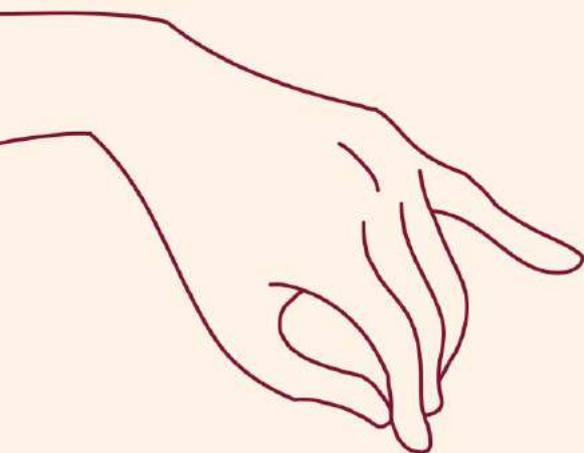


— Apresentamos o Poema —

# Momentos

Por Sellma Luanny

Sobre a autora: Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de sete antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

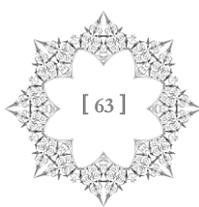


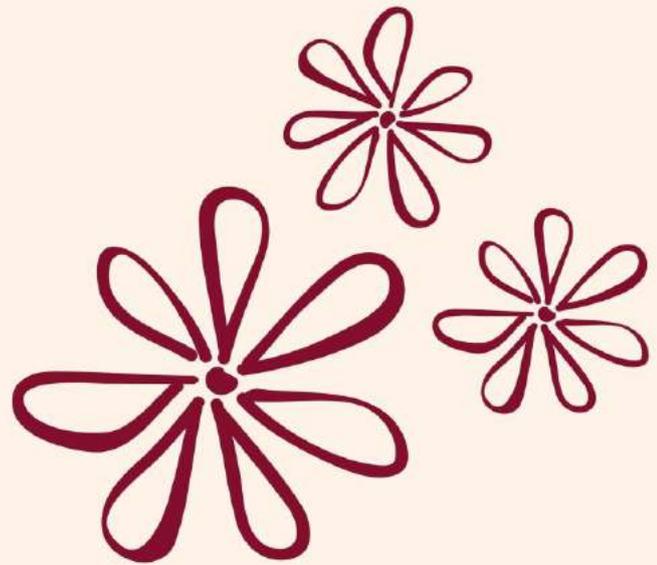
Nada pontual.  
Nada antecipado.  
A plenitude  
que vívida reina,  
a soprar quaisquer  
resquícios das  
cinzas da véspera.

Como se do nada,  
formada...  
Mas, não!  
Da melodia do dia.  
Da afinidade  
do profundo azul  
dos céus, seria.

Sem registros  
nem vivências.  
A consonância  
de tudo.  
Um uníssono  
de acasos fortuitos...  
Ou não?

Além da janela,  
resplandece  
uma manhã.  
De paz, frescor  
e comunhão, coroada.  
E de muito azul e luz...  
Que bela!



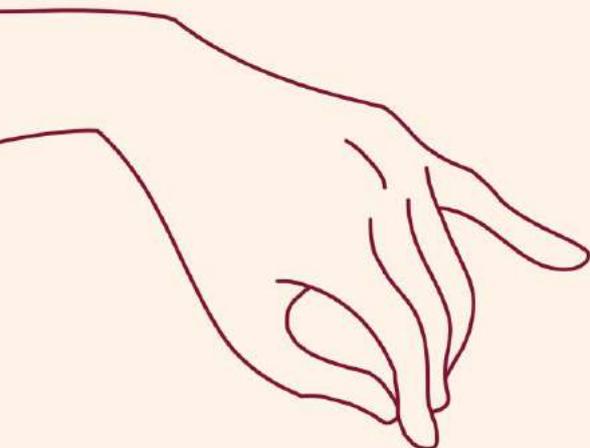


— Apresentamos o Poema —

# Acidentes

Por Sellma Luanny

Sobre a autora: Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de sete antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

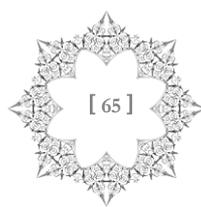


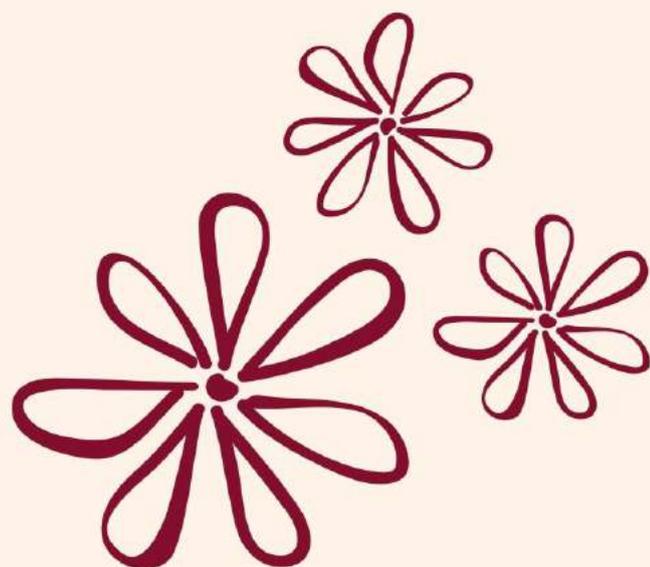
E era uma vez... simplicidade!  
Ou unicidade?  
Da ausência, a plenitude absoluta...  
Do todo, o primórdio...  
ou revelação?

E surge o *Alpha*!  
A dançar, o hidrogênio.  
Sem rumo, sem espaço.  
A cada expansão, a cada agitação,  
a tudo criar!

E começam os acasos.  
Sem concepções ou fórmulas,  
os acidentes...  
E tudo surge! E tudo passa!  
Cíclico?

Mas o hidrogênio... insigne!  
Partícula fundamental!  
Do Universo,  
a trama eônica  
no átomo primordial.

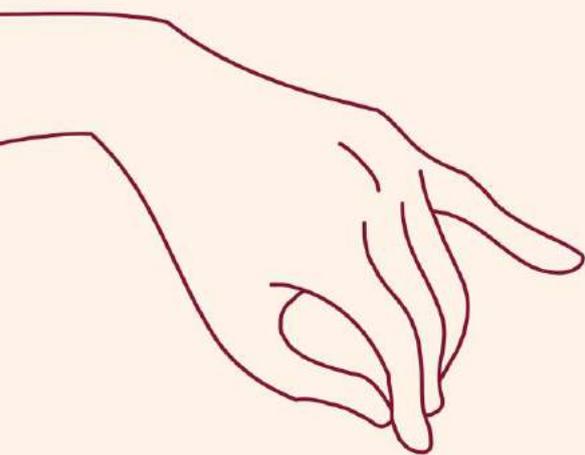




— Apresentamos o Poema —  
**Amar é sofrer**

**Por Suelen Farias**

**Sobre a autora: Suelen Farias, artesã, casada, mãe de 3 filhos. Mora no Paraná. Desde pequena já demonstrava apresso pela leitura. Recentemente, encontrou na escrita uma forma de expressar todas suas emoções. Por amar tanto histórias, decidiu criar as suas.**



Quem te ama paga o preço para te ter.

Quem te ama enfrenta a crueldade, a maldade, a dor por você.

Quem te ama suporta carregar uma pesada cruz, suporta espinhos na cabeça, suporta pregos nas mãos.

Quem te ama se entrega à morte para que você possa viver.

Quem te ama, sofre por você.

E assim também - se amamos - devemos sofrer uns pelos outros.

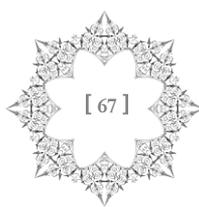
Amar implica em sofrer.

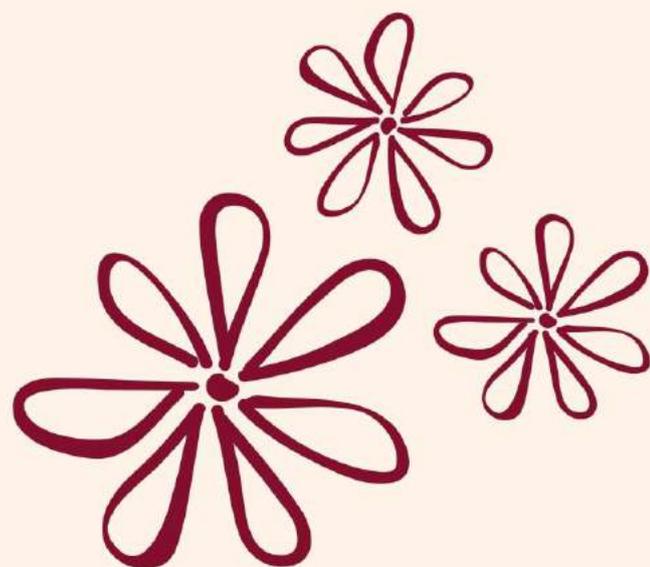
Implica ajudar e não receber nenhum reconhecimento.

Se doar por inteiro e ser traído.

Fazer o bem e ser crucificado.

O sofrimento é um privilégio dado somente a quem ama.



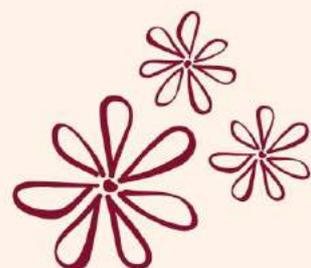
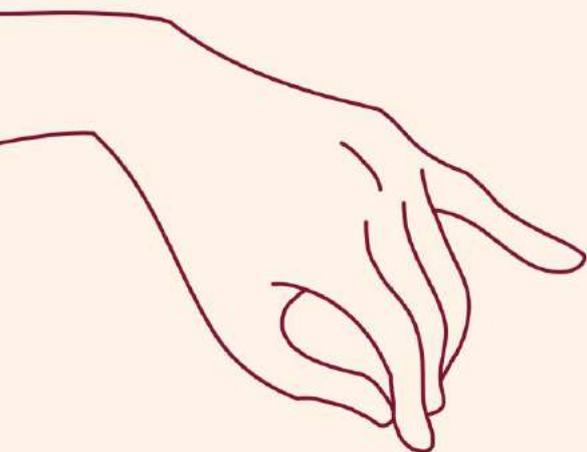


— Apresentamos o Poema —

# **O que é crescer?**

**Por Valéria Guimarães Spolaor**

**Sobre a autora:** Trata-se de uma pessoa comum, viva, com os pés na terra e os olhos no céu. Desde muito cedo, e sempre, registrou através das palavras grafadas, o que via e sentia. Buscou, com isso, estender e entender um pouco mais os sentidos e as emoções que se manifestavam de forma intensa, original e peculiar.

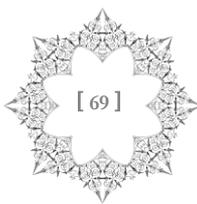


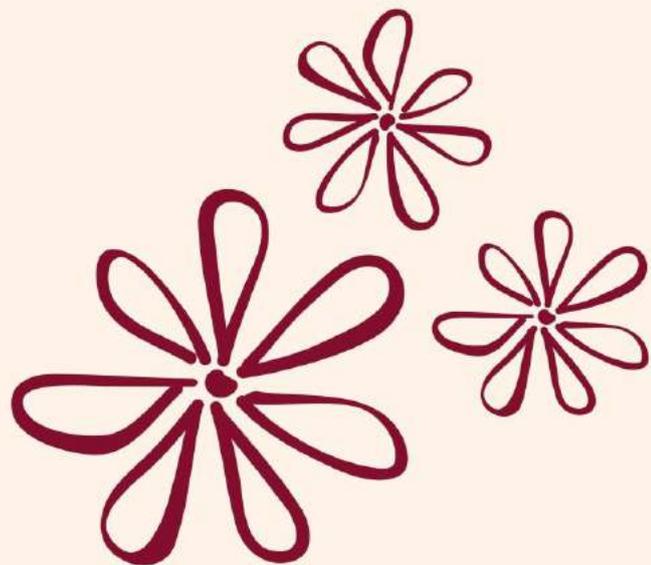
É a oportunidade de...  
Semeada ao vento  
Encontrar um chão que te acolha  
E aí ficar usufruindo  
E deixando-se usufruir  
Até virar do avesso  
E brotar raiz

É mergulhar no escuro dessa noite  
Em pleno dia  
E quando a lua chegar  
Da via Láctea se fartar  
Até arrotar em broto  
Prismado pelo raiar  
Do amanhecer em sol

É refletir essa luz  
Em vitrais aveludados  
Vivos e dinâmicos  
Anônimos mosaicos tropicais  
Únicos e individuais  
Que se revelam áureos  
Em eixos verticais

É explodir em pétalas de cor  
Em revoadas e zumbidos de semi-tons  
É fermentar no silêncio augusto da frutificação  
Para de novo virar semente  
Que semeada ao vento  
Busca de novo  
Um novo chão.



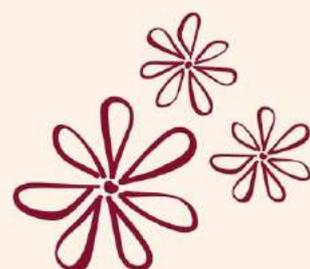
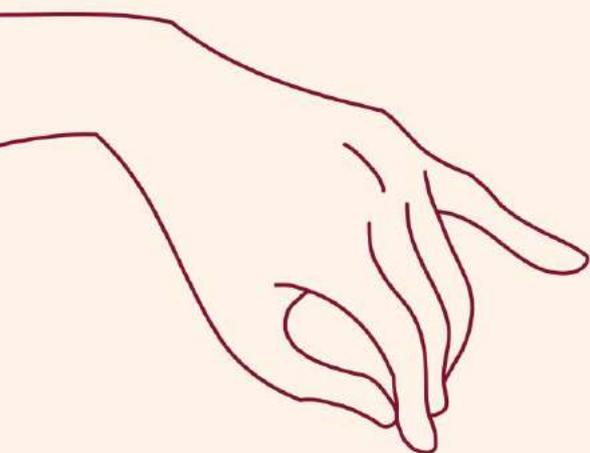


— Apresentamos o Poema —

# **Santa Maria**

**Por Valéria Guimarães Spolaor**

**Sobre a autora: Trata-se de uma pessoa comum, viva, com os pés na terra e os olhos no céu. Desde muito cedo, e sempre, registrou através das palavras grafadas, o que via e sentia. Buscou, com isso, estender e entender um pouco mais os sentidos e as emoções que se manifestavam de forma intensa, original e peculiar.**



Magnificat, magnificat  
As contas negras do terço  
Por entre os dedos  
Corriam  
E no canto do quarto  
A vela ardia

Magnificat, magnificat  
Os joelhos da velha  
Em terra batiam  
E os meninos agarrados  
A saia dela  
Estatelavam os olhos  
E gemiam

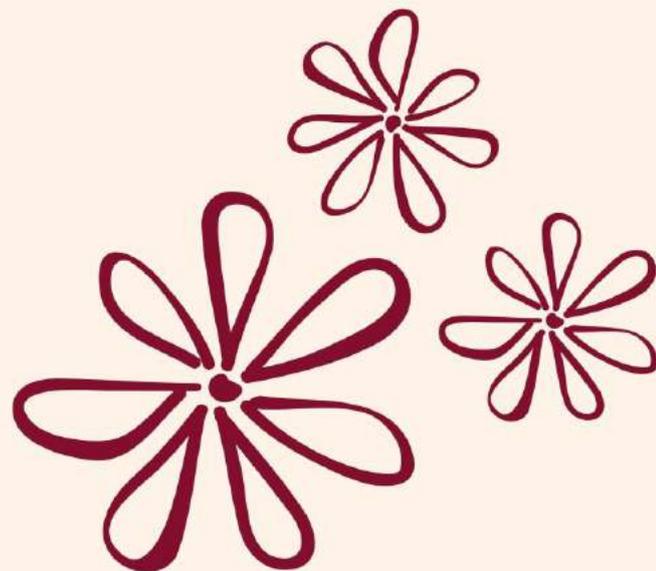
Magnificat, magnificat  
Deus está ralhando  
Os trovões rugiam  
E os raios  
Pela parede corriam

Magnificat, magnificat  
Nossa Senhora! diziam  
E os meninos de mãos dadas  
Apertavam os olhos  
E tremiam

Magnificat, magnificat  
Horas e horas a fio  
Na calha do telhado  
A água e o vento assoviam  
De repente

A calma  
O Pai Nosso no terço  
Se ouvia  
E os meninos sorriam.



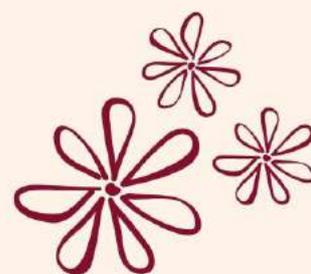
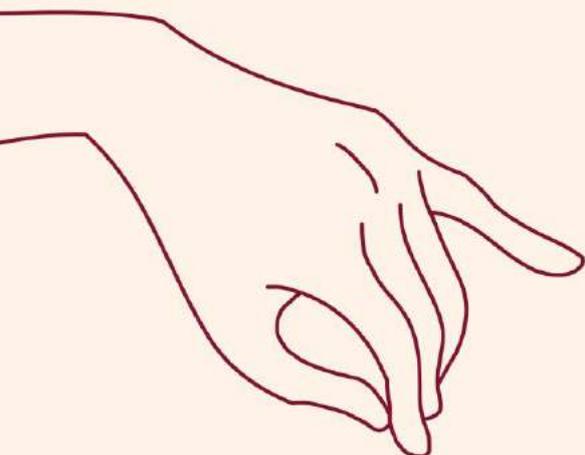


— Apresentamos o Poema —

# Lousa

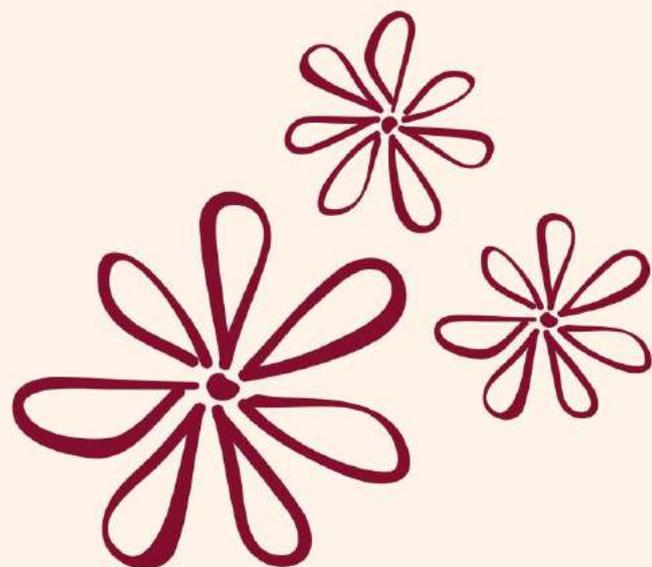
Por Valéria Guimarães Spolaor

Sobre a autora: Trata-se de uma pessoa comum, viva, com os pés na terra e os olhos no céu. Desde muito cedo, e sempre, registrou através das palavras grafadas, o que via e sentia. Buscou, com isso, estender e entender um pouco mais os sentidos e as emoções que se manifestavam de forma intensa, original e peculiar.



Carvão é o que  
Resta sobre a cinza  
E nos permite  
Escrever  
Preto no branco  
Que amor é vida  
E  
Sobrevive às cinzas.



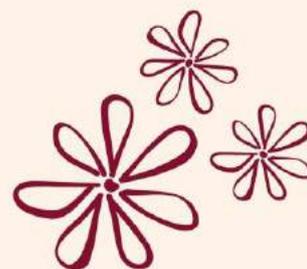
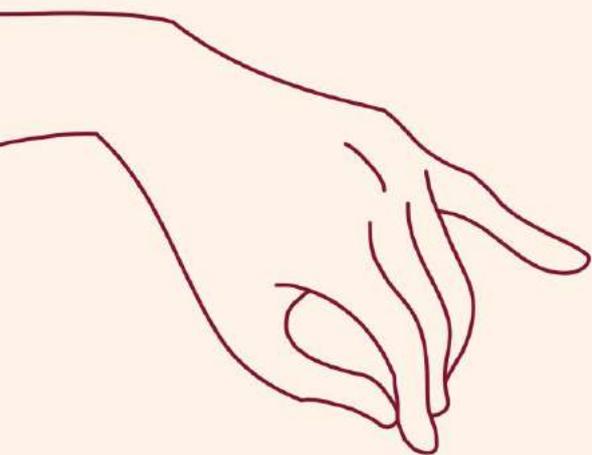


— Apresentamos o Poema —

# Memórias

Por Wanda ROP

**Sobre a autora: WANDA ROP, paulista, residente em Porto Velho-RO, poetisa, antologista, filósofa, cursando último período de História, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora dos Livros: “Tempo de Amar”, “Desejos do Coração” e “Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa”**



Complicada passagem pela desgastada porta  
Deparo-me com sua madeira empoeirada  
Incontáveis os pulsares de minha memória  
Tua presença ainda vive nesta casa

O rio em minhas retinas não suportou a estiagem  
Caem das telhas gotas de desânimo  
Escassez de pontos acalorados  
Andando em círculos não sei até quando

Dedilhando tudo o que produz ruído  
Paredes pálidas me causam apatia  
Agora quando mais necessito  
Sou privado da tua companhia

Mesmo que a intensidade do pó, envelhecido, me asfixie  
E o ardor das lágrimas, angustiantes, insistam em me cegar  
É neste recinto que desejo ficar, imploro que não me retire  
Esperançosa, aqui estarei em noites infindas a te esperar



**CONHEÇA OUTROS  
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

**SELO CONEXÃO LITERATURA**



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE:** [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**CURTA:** [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

**SIGA:** [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

**INSCREVA-SE:** [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)

**E-MAIL:** [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**